

Le Musée

REVISTA DO MUSEU DOS CAPUCHINHOS

celebrar a história

Missão Capuchinha no RS completa
125 anos e a Província do Sagrado
Coração de Jesus, 80

*álbuns
fotográficos*

desafios e práticas
de conservação

*por que formar e
preservar acervos?*

reflexões acerca das funções
de um espaço de memória

EXPEDIENTE

Le Musée

Revista Anual do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ano 8 – Nº 8 – Novembro de 2022

Editor: Moacir P. Molon – MTb 3781

Supervisão e colaboração: Christian de Lima, Frei Celso Bordignon e Raquel Brambilla.

Capa: Primeiro convento de Garibaldi, ao fundo vista parcial da “Sorbone”, sala de aula dos seminaristas, em 1908.

Diagramação: Gabriel Radaelli

Impressão e acabamento: Editora São Miguel

Tiragem: 1000 exemplares

Participação dos alunos da disciplina de Jornalismo Especializado – UCS, primeiro semestre de 2022, sob orientação da professora Alessandra Rech.

É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem autorização prévia dos editores.

Museu dos Capuchinhos

Diretor: Celso Bordignon

Coordenação: Christian de Lima

Museologia: Raquel Brambilla (Museóloga COREM 3R 0188-1)

Rua General Mallet, 33A – B. Rio Branco Caxias do Sul/RS - CEP: 98097-000

Telefone: (54) 3220-9565

www.capuchinhos.org.br/muscap

coordenacao@muscap.org.br

[Facebook.com/museucapuchinhos](https://www.facebook.com/museucapuchinhos)

Instagram: @muscaprs

WhatsApp: (54) 3220 9565

Província Sagrado Coração de Jesus - Frades Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ministro Provincial: Frei Nilmar Carlos Gatto

Conselheiros Provinciais: Freis Evaldo Valdir de Freitas, Claudelino Antônio Brustolin, Irineu Trentin e Volmir Luís Warken

Av. Alexandre Rizzo, 534C – Bairro: Desvio Rizzo

CEP: 95110-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone: (54) 3220-3270

ofmcaprs@ascap.org.br

www.capuchinhosrs.org.br

Agradecimento especial aos apoiadores

Atelier São Lucas, Banca Rio Branco, CONFRANTES, Doris Bessow Bordignon, Eliana Rela, ESTEF, Fúlvia Stedile Angeli Gazola, Jaqueline Pivotto, Luiz Carlos Bordignon, Luiza Horn Iotti, Maria Alberti Cesa, Maria Nair Sodré Nestor Gregol, Pousada São Lourenço de Brindisi Ronyá Souto, Roma Pincéis e Acessórios.

EDITORIAL

MANIFESTAÇÕES LOCAIS E REGIONAIS GANHARAM ESPAÇO

A missão do MusCap, bem como o propósito dos Capuchinhos do RS com esta instituição de preservação e de partilha de bens culturais, sempre foram temas presentes na Le Musée, desde 2015.

Neste nº 8, é imprescindível ler com calma o artigo da professora e pesquisadora da UCS Silvana Boone sobre o MusCap e seu legado para a arte local. Diz ela que o museu valida o que efetivamente se consolida como referência, “resguardando o antigo e sugerindo o atual”. E acrescenta: “Um museu é o lugar onde a história se preserva, se analisa o presente através da percepção das coisas contemporâneas e se apontam caminhos para o futuro”.

Foi essa a trajetória do MusCap desde o início deste milênio, no ano 2000. Tem se dedicado a recuperar e preservar a história dos Capuchinhos no RS desde 1896, sim. Mas, também, tornou-se um espaço para abrigar e mostrar a história e as expressões artísticas locais e da região. A temática dos capuchinhos do RS ganhou preferência, mas o espaço, de forma eclética, também esteve aberto “à arte contemporânea e sua multiplicidade de linguagens”.

A Sala de Exposições foi o instrumental que permitiu de forma privilegiada a comunicação do MusCap e sua mantenedora com a comunidade, abrindo um espaço para os produtores de arte tornar visíveis suas manifestações e a própria história local e regional.

Em sua análise, Boone destacou a profissionalização e o comprometimento da equipe do MusCap em suas funções e o incentivo à prática curatorial na busca pela qualidade das exposições. E conclui: “O antigo e o novo transitam entre a religião e a arte leiga nos espaços do museu”.

Moacir P. Molon / OFMCap
Editor da Le Musée



SUMÁRIO

artigos

- 4 O MusCap e seu legado para a arte local
- 9 Conservação de álbuns fotográficos
- 14 Para que formar e preservar acervos?

especial

- 18 Comemoração histórica: 125 anos de Missão Capuchinha no Rio Grande do Sul e 80 anos da Província do Sagrado Coração de Jesus

entrevista

- 26 Gabriela Aidar

ações

- 28 Estreia do Cinema de Inverno
- 29 16ª Primavera de Museus
- 30 Preservação e arte em aquarelas
- 32 Além da coleção: uma visita à subjetividade das obras do AMARP
- 34 Dialogarte
- 35 Projeto Ludicando
- 36 E se houvesse amor, por Tere Finger
- 38 Turmas da UFRGS no MusCap
- 39 Coluna do leitor

O MUSCAP E SEU LEGADO PARA A ARTE LOCAL



Silvana Boone

Doutora em Artes Visuais (UFRGS), professora e pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul, curadora e crítica de arte

Estamos no ano de 2022, já adentramos mais de duas décadas do século XXI e, acessando informações que nos levam ao futuro, consegue-se perceber que o que está sendo escrito neste exato momento vai estar guardado em algum espaço, seja ele físico ou virtual. Objetos, documentos, obras de arte, livros, móveis e tudo o que está ao nosso redor, caracterizando o momento presente, dito contemporâneo, poderá estar listado no acervo de um museu, assim como o computador em que este texto está sendo redigido, fazendo par com a antiga máquina de escrever, usada até poucas décadas atrás.

A palavra museu, naturalmente está associada à história, memória ou espaço de preservação de diferentes características e, com certeza, a muitas outras referências sobre aquilo que deve ser guardado e/ou mostrado e este texto busca ressaltar a importância do museu como conceito, mas, especificamente, vem destacar o Museu dos Capuchinhos e a sua Sala de Exposições, como um espaço significativo para a história e a memória da arte em Caxias do Sul e região. Inicialmente, cabe fazer uma breve introdução sobre o conceito de museu, e na sequência, destacar a importância de um lu-

gar nobre em Caxias do Sul que objetiva resguardar, entre tantas coisas, muitas memórias.

O conceito de Museu

O museu, seja ele um espaço físico ou virtual tem um papel determinante na história do homem e na legitimação da sua produção, bem como o resgate do tempo passado. É inerente ao homem a necessidade de guardar e contar sua história e a prática museológica reflete a importância dada à essa história.

O conceito de museu como é conhecido hoje, de caráter público ou privado, ligado às ideias de coleção, resgate de memória e patrimônio, permanência e conservação da história e da arte tem seu início no século XIX, mas, a ação de conservar e apresentar objetos existe desde o Renascimento, ainda no século XV, com as coleções das instituições cristãs e das famílias nobres, cujo acesso era restrito apenas à aristocracia e aos membros religiosos que tinham a responsabilidade de resguardar o saber e a cultura.

Ao conceito de museu geralmente estavam associados os gabinetes de curiosidades, mostruários e coleções que muitas vezes se constituíam como depósitos de objetos exóticos e de diferentes espécies. As coleções particulares, pertencentes às famílias ricas e poderosas em diferentes partes do mundo eram inacessíveis à maioria das pessoas e representavam o contrário do conceito de museu que temos hoje, cujo acesso é público. Inicialmente, os acervos se formavam com tudo o que fosse interessante de ser guardado e mostrado, curioso ou diferenciado como objetos de decoração, porcelana, tecidos, entre outros. A Igreja, por sua vez, desde a Idade Média, cumpria o seu papel social de preservar a arte e a cultura, apresen-

SILVANA BOONE



Exposição *Entre o Sol e a Lua – Traduções Iconográficas Franciscanas*

tando publicamente as obras que se encontravam expostas nas igrejas junto aos espaços de circulação dos fiéis, o que resultou nas grandes coleções do Vaticano e das principais igrejas católicas no mundo.

E pensar nos museus de arte, mais especificamente, nos remete à ideia de que ali encontram-se não apenas objetos, mas pensamentos concretizados em obras, datados ou atemporais. Conforme Hans Belting (2006, p. 144) “o princípio de coleção do museu de arte, em oposição às coleções da natureza e da técnica, baseia-se no preceito da seleção e da validade daquilo que designamos como arte”. Diferencia-se, portanto, o conceito das obras e objetos, o que está dentro adquire o estatuto da arte e o que está fora, conforme o autor, perde esse estatuto. Pode-se dizer que o museu valida, sob alguns pontos de vista, o que efetivamente se consolida como referência, uma vez que se encontra resguardada. O museu passa a ser visto como um espaço de destaque daquilo que é aceito pela sociedade enquanto representação do seu tempo e do registro histórico e artístico institucionalizado.

Se o museu tem as funções de guardar, armazenar, conservar as obras e as referências históricas da arte, galerias e outros espaços expositivos apresentam-se abertos à recentes produções, porém ambos têm uma importância social no contexto da arte e dos seus modos de exibição, e o museu contemporâneo associa ambas situações, resguardando o antigo e sugerindo o atual. Para Canclini (2003, p. 141), “os museus colocam não apenas a sociedade em relação com sua origem, mas criam na produção cultural relações de filiação

e de réplica com as práticas e as imagens anteriores”. Assim, o museu torna-se, gradativamente, um espaço de legitimação da obra de arte que, estando exposta e aceita pela instituição passa também a ser aceita pelo público e, ao mesmo tempo em que preserva a obra, avaliza e confere a ela o status de integrante de uma história da arte recortada por um acervo. Para o teórico francês Thierry de Duve (2007, p. 212) a arte que subverte as convenções em um dado momento, com o tempo, acaba sendo aceita pelo público e pelas instituições e torna-se então, tradição.

Assim um museu é o lugar onde a história se preserva, se analisa o presente através da percepção das coisas contemporâneas e se apontam caminhos para o futuro.

O MusCap e a Sala de Exposições

Pensando no passado local, vamos nos remeter ao ano 2000, inicialmente marcado por finalizar o século XX e o segundo milênio destacando que, ao findar uma era, espera-se que a outra seja sempre mais produtiva, mais fértil, mais auspiciosa para aqueles que pensam positivamente e imaginam que o mundo pode ficar melhor em meio às transformações das mais diferentes ordens. Assim sendo, em Caxias do Sul, no ano 2000, o Museu dos Capuchinhos, conhecido afetivamente como MusCap foi inaugurado, abrindo a Sala de Exposições, um novo espaço para abrigar e mostrar a arte na região e nos agraciando com uma nova possibilidade de tornar visível arte e história.

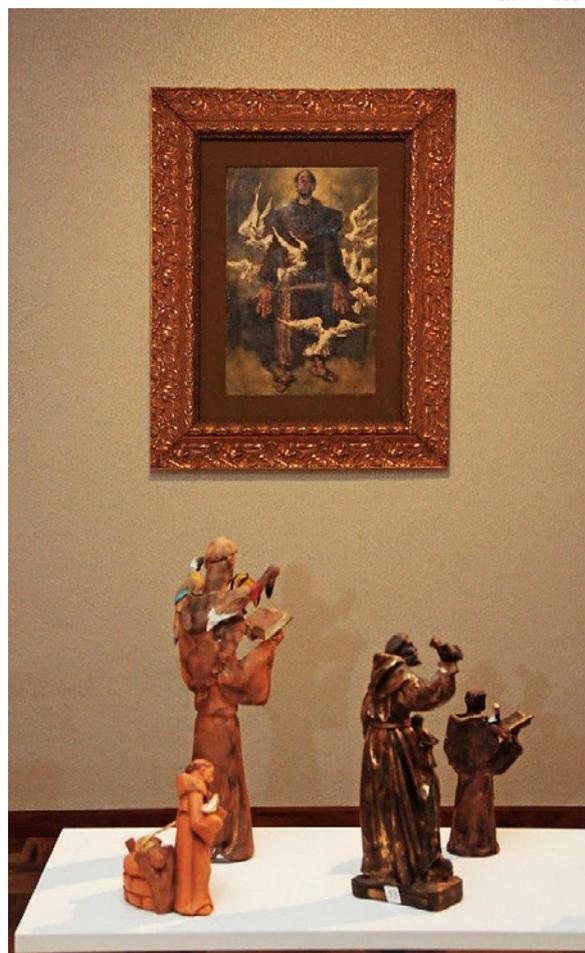
Pautado pelo objetivo maior de aproximar diferentes públicos do contexto religioso franciscano através da arte, inicialmente, o MusCap atuou com o propósito de abrigar exposições que tivessem uma ligação com a temática da Ordem Franciscana. Constituindo-se como um espaço eclético, a Sala de Exposições ao longo de vinte e dois anos recebeu mais de trinta exposições, cada uma delas com características e abordagens diferentes, valorizando a arte sacra, a arte tradicional, mas também, mostrando-se aberta à arte contemporânea e sua multiplicidade de linguagens. Foi o caso da exposição “Entre o Sol e a Lua: Traduções Iconográficas Franciscanas”, ocorrida entre maio e setembro de 2015, com a curadoria desta que aqui escreve, com o objetivo de trazer à comunidade local as

duas figuras simbólicas do legado franciscano: São Francisco de Assis e Santa Clara, construindo um diálogo visual por múltiplas linguagens, entre a religião, a arte e um debate sobre as relações fraternas entre o masculino e o feminino. Essa exposição também foi marcada por ser uma mostra coletiva com artistas locais, abrigando as linguagens da pintura, desenho, escultura, vídeo, objetos e reunindo obras do acervo do museu com produções contemporâneas.

Uma das características da Sala de Exposições é a versatilidade e a liberdade para a construção expográfica de cada proposta, tornando esse espaço sempre um lugar novo e aberto às mudanças necessárias para o contexto específico de cada exposição. A flexibilidade para mudanças cenográficas amplia as possibilidades para construir um espaço adequado às diferentes necessidades estéticas que compõem as exposições, a partir do olhar da curadoria ou de quem organiza uma exposição. Outro destaque do MusCap é o incentivo à prática curatorial na busca pela qualidade do que está sendo exposto.

Museologia e curadoria

Uma das qualidades do MusCap é o comprometimento com profissionais capacitados nas suas devidas funções. O MusCap buscou profissionalizar o trabalho que envolve a arte e a museologia, sendo um dos primeiros espaços da cidade a contratar um profissional museólogo a partir de 2011, mesmo considerando a dificuldade em conseguir profissionais com a formação específica na cidade naquele momento. Entender a museologia como ação profissional qualifica o trabalho dos artistas e o acervo ao qual o museu se compromete a resguardar. E considerando que a característica do museu é envolver a comunidade no contexto da Ordem Franciscana também, o calendário de exposições ao longo de mais de duas décadas trouxe ao público o trabalho de artistas da comunidade local e regional, mas também deu visibilidade ao seu acervo religioso e aos elementos identitários dos franciscanos. Em algumas exposições, destaca-se o compartilhamento do acervo dos franciscanos e sua iconografia, promovendo a manutenção da história da Ordem, a vida religio-



Exposição Entre o Sol e a Lua – Traduções Iconográficas Franciscanas

sa dos frades através dos seus objetos, sua história, sua fé e tudo isso tornado visível através dos objetos, obras, roupas, livros, malas, fotografias e tantas outras formas de construir narrativas para o público de forma a manter viva a memória dos capuchinhos.

Oportunizar o contato direto do público com o acervo do museu e com a sua própria história é uma característica marcante desse museu capuchinho, pois revela os bastidores da Ordem através da arte e da poética que compõe a escolha e a seleção daquilo que se quer mostrar. E entrando na seara das escolhas, não há como não trazermos um dos conceitos peculiares às exposições do século XXI que é a curadoria. O termo curadoria, apesar de ser comum ao meio artístico e nos diversos cenários da arte ainda é pouco explorado no contexto local e regional. Nem todo mundo sabe qual a importância de uma curadoria, mas essa prática valoriza as exposições desde a concepção até o retorno do público. Curadoria vem

Exposição *Peregrinatio Perpetua*

Sem a pretensão de explicar ou justificar o trabalho do artista, o curador constrói uma narrativa de aproximação com o espectador.

do latim *curare* que significa curar ou traduzindo grosso modo como “conservar” ou “cuidar” da obra de arte. E como consequência desse cuidado, os resultados junto à comunidade se expandem com a produção de textos críticos e de apresentação das exposições, geralmente sob a responsabilidade do curador que, sem a pretensão de explicar ou justificar o trabalho do artista, constrói uma narrativa de aproximação com o espectador.

Vinculado à prática curatorial está o pensamento do museu contemporâneo. Conforme Belting (2006, p. 144) “o princípio de coleção do museu de arte, em oposição às coleções da natureza e da técnica, baseia-se no preceito da seleção e da validade daquilo que designamos como arte”. Essa seleção é o princípio da curadoria, que parte de um determinado conceito analisado pelo curador no que tange o processo e o resultado da produção do artista. Por fim, definir o fio condutor que permeia as ações, normalmente chamado de eixo curatorial, refletir sobre o trabalho, pensar nas possibilidades do título, produzir o texto que apresenta e conceitua a exposição e/ou definir a cenografia do espaço expositivo também são

Enxada e pessoa
1993
Frei João C. Romantini.

Última vista das Torres Gêmeas
Nova Iorque
25/09/2001
Frei Moacir P. Molon.

Quero Voar V
1981
Frei Celso Bordignon

Pessoa com mão no rosto
1993
Frei João C. Romantini.

Estátua de São Miguel
França
2012
Frei Moacir P. Molon.

Quero Voar VI
1981
Frei Celso Bordignon

MOACIR P. MOLON

Exposição *Peregrinatio Perpetua*

ações que o curador cumpre para que o resultado recebido pelo público seja muito mais significativo do que uma simples exibição de obras de arte.

Posto isso, percebe-se que o MusCap tem buscado ampliar as relações com o público através das exposições que contam com curadorias dedicadas a atender as demandas do público, mas não se distanciam dos propósitos da sua instituição mantenedora. Considerando a missão do museu de “preservar e comunicar os objetos e as memórias que contam a história da presença Capuchinha no Rio Grande do Sul e também as particularidades que tornam especial cada Frade Capuchinho” (LE MUSÉE, 2020, p. 17), essas particularidades se mesclam à arte e à cultura local.

Um exemplo dessa inter-relações promovidas através de exposições foi a mostra *Peregrinatio Perpetua* que aconteceu entre 2017 e 2018, reunindo objetos pessoais de três freis capuchinhos e tendo a curadoria de Felipe Z. de Sá sob a orientação de Susana Gastal. Essa exposição aconteceu a partir de uma pesquisa acadêmica e teve como eixo curatorial os *souvenirs* de três freis capuchinhos. Visto sob a ótica de uma exposição, e para além da semiótica cristã, cada objeto ganha poder simbólico e o seu conjunto, construído através da curadoria, passa a ser visto sob uma nova ótica. Primar pela qualidade técnica e conceitual das exposições, sob o olhar atento de curadores e pesquisadores reflete o interesse que o museu tem em

oferecer ao público muito mais do que exposições que ocupam espaços, mas ao contrário, ocupam os espaços para mostrar mais ao público.

Da mesma forma, a curadoria da exposição “Entre o sol e a lua (...)” já citada anteriormente buscou aproximar o público das iconografias de Santa Clara e São Francisco através de obras criadas por artistas especialmente para a exposição, ligadas a objetos religiosos e de caráter simbólico pertencentes ao acervo do museu.

Ao finalizar este texto, cabe destacar que o MusCap, desde o seu início, foi um espaço democrático que pode reunir objetos religiosos, pessoais ou sagrados, sejam livros, presépios ou peças de artesanato, arte tradicional ou contemporânea e tudo é passível de ser buscado e curado nos inventários do acervo e então, mostrado em exposição a fim de possibilitar reflexões sobre o passado e o presente nas mais variadas linguagens da arte. As iniciativas do museu beneficiam a comunidade e as pessoas que aqui vivem. Um exemplo disso é a exposição póstuma do artista, praticamente autodidata, Alfredo Bedin (1922-2000), ocorrida em Caxias do Sul, após sua morte, apresentando sua produção ainda desconhecida e que entre 2021 e 2022, teve sua obra reapresentada em três espaços expositivos de Caxias, resgatando parte do que o MUSCAP, há mais de 20 anos atrás já havia exibido. O antigo e o novo transitam entre a religião e a arte leiga nos espaços do museu.

Em 2022, 22 anos do MusCap! Que tenha vida longa e próspera! ■

REFERÊNCIAS

- BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Cosac Naify, 2006, 320 p.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.
- DE DUVE, Thierry. Sintoma e intuição. Entrevista concedida a Afonso Luz, Thais Rivitti, Tiago Mesquita e Tina Montenegro in *Novos Estudos do SEBRAPE*, nº 79, Novembro 2007, p. 212.
- LE MUSÉE, Revista do Museu dos Capuchinhos. Ano 6, Nr. 6, 2020.

CONSERVAÇÃO DE ÁLBUNS FOTOGRAFICOS

DESAFIOS E PRÁTICAS NO MUSCAP



João Mendes Neto

Formado em História pela USP e pós-graduado em Fotografia pelo Centro de Comunicação e Artes do SENAC-SP. Atua na área de fotografia e preservação. Foi coordenador das áreas de Arte & Tecnologia da Fundação Telefônica. Atuou como fotógrafo consultor da Unesco e foi superintendente do MIS-SP Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

Surgidos com o início do processo negativo-cópia da fotografia, ganhando popularidade com a febre dos *cartes-de-visite* na segunda metade do século XIX, os álbuns fotográficos tornaram-se muito utilizados durante todo o decorrer do século XX como o principal objeto para reunir e conservar as lembranças fotográficas. Sua imensa diversidade de materiais e formatos acompanhou a evolução e popularização dos processos técnicos inerentes da fotografia, o que justifica a imensa variedade que hoje encontramos.

Se por um lado, mantinham de melhor maneira as cópias protegidas dos danos mecânicos (ao contrário das famosas caixas de sapato repletas de fotografias dobradas e rasgadas) por outro lado, os álbuns foram quase sempre produzidos sem os cuidados adequados com os materiais utilizados em sua confecção, que hoje sabemos serem prejudiciais à preservação de seu conteúdo.

Mesmo com os riscos do contato da cópia fotográfica com materiais não adequados, em sua grande maio-

ria, os álbuns devem ser tratados como objeto único para que possam receber um processo de restauro e preservação que assegure não só o conteúdo nele abrigado como também a manutenção da estética que caracteriza sua singularidade. Outro fator importante é que geralmente a organização do álbum nos dá informações que vão além das contidas no conteúdo de suas imagens, como a sequência da colagem das cópias, legendas, agrupamentos, período ou evento que abriga, entre outras que nos dão dicas para uma melhor identificação e preservação da memória neles contida.

Assim, dentro da tipologia de objetos resguardados comumente nos acervos históricos fotográficos, os álbuns de fotografia oferecem um dos maiores desafios na área de preservação e conservação fotográfica, pois exigem conhecimentos que vão além da evolução histórica da técnica dos processos fotográficos, e englobam várias áreas da conservação e restauração tais como: encadernação, conservação de papel, deterioração biológica, condições de guarda, identificação dos materiais dos suportes secundários ou entrefolhamento, formas de fixação das cópias, etc. Todos esses itens devem ser analisados ao se preparar uma proposta de conservação, de restauro ou mesmo quando opta-se tomar a difícil decisão de sua desmontagem.

Decidir entre manter ao máximo sua originalidade, muitas vezes em detrimento de um processo de deterioração químico futuro, é algo que deve ser analisado de modo interdisciplinar, pesando nessa determinação o seu estado atual, o grau de deterioração, os custos e riscos de intervenções, sua importância para o acervo, as políticas da instituição e principalmente, sua singularidade.

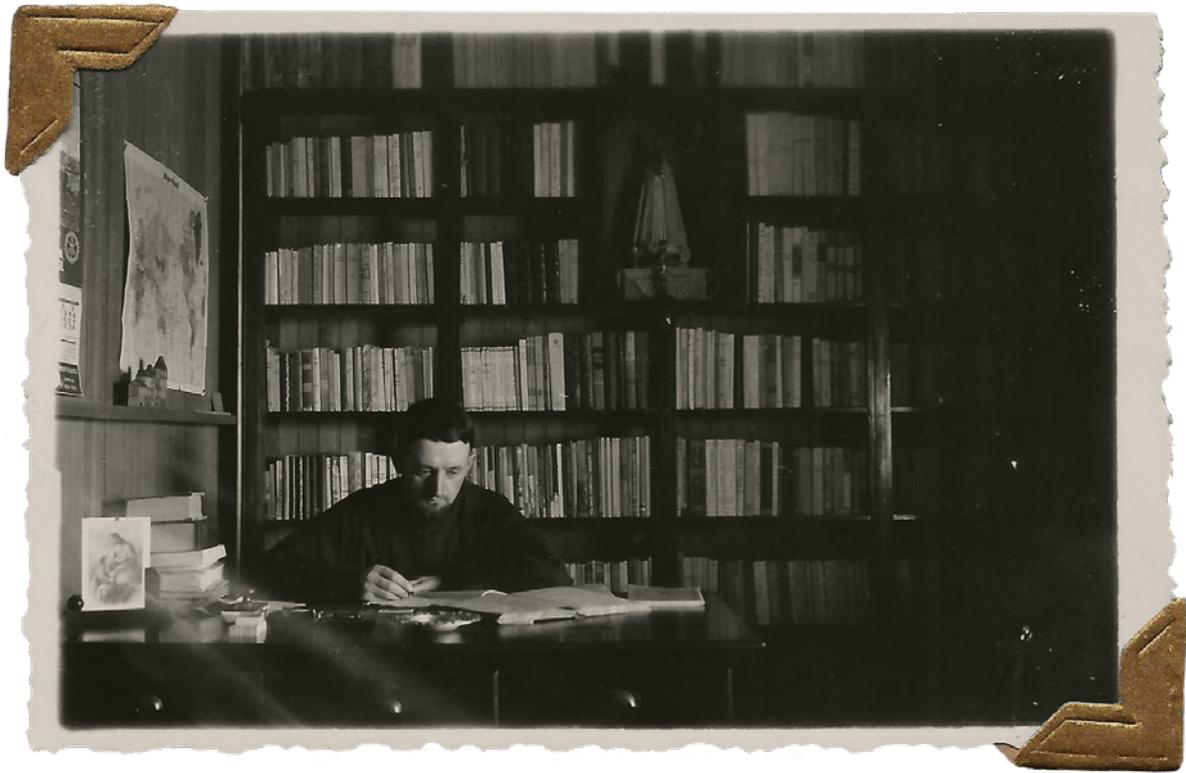


Foto de frei Antonino Ferreto na biblioteca do convento São José - Pelotas.

Projeto de conservação

Os álbuns devem ser tratados como objeto único para que possam receber um processo de restauro e preservação que assegure não só o conteúdo nele abrigado como também a manutenção da estética que caracteriza sua singularidade.

O Museu dos Capuchinhos de Caxias do Sul — Mus-Cap, desde que iniciou suas atividades em 1980 com o intuito de preservar e comunicar as memórias que contam a história da presença Capuchinha no Rio Grande do Sul desde o final do século XIX, reuniu durante estes anos, além dos itens de seu acervo tridimensional, bibliográfico, iconográfico e documental, uma coleção de mais de 120 álbuns fotográficos, com datas-limite de 1930 a 2000. Este acervo reunido em álbuns se constitui em uma fonte de grande importância histórico-cultural, pois seu conteúdo retrata a formação da congregação em diversos municípios gaúchos e em paralelo, o desenvolvimento das próprias cidades. Dessa tipologia do acervo, foram selecionados em um projeto de conservação apoiado pela Lei de Incentivo à Cultura do RS, 20 álbuns, optando-se pela urgência da necessidade de intervenção ou pela importância histórico-cultural de seu conteúdo. Além disso, os álbuns selecionados para restauro exemplificam diferentes características da fotografia que encontramos em todo o século XX, tais como os diferentes processos de cópias e ampliações fotográficas, formatos de encadernação, tipos de álbuns com

produção industrial e artesanal, formas de fixação das cópias, entre outras.

O Museu dos Capuchinhos de Caxias do Sul - Muscap, desde que iniciou suas atividades em 1980 com o intuito de preservar e comunicar as memórias que contam a história da presença Capuchinha no Rio Grande do Sul desde o final do séc. XIX, reuniu durante estes anos, além dos itens de seu acervo tridimensional, bibliográfico, iconográfico e documental, uma coleção de mais de 120 álbuns fotográficos, com datas-limite de 1930 a 2000. Este acervo reunido em álbuns se constitui em uma fonte de grande importância histórico-cultural, pois seu conteúdo retrata a formação da congregação em diversos municípios gaúchos e em paralelo, o desenvolvimento das próprias cidades. Dessa tipologia do acervo, foram selecionados em um projeto de conservação apoiado pela Lei de Incentivo à Cultura do RS, 20 álbuns, optando-se pela urgência da necessidade de intervenção ou pela importância histórico-cultural de seu conteúdo. Além disso, os álbuns selecionados para restauro exemplificam diferentes características da fotografia que encontramos em todo o século XX, tais como os diferentes processos de cópias e ampliações fotográficas, formatos de encadernação, tipos de álbuns com produção industrial e artesanal, formas de fixação das cópias, entre outras.

Os diagnósticos e as propostas de restauro desses 20 álbuns foram realizados por mim em conjunto com a equipe do Muscap, sob supervisão da museóloga Raquel Brambilla e da historiadora responsável

Claudio da Costa em processo de encadernação dos álbuns.



pelo acervo Susiele Ramos. Nos álbuns que exigiram uma intervenção mais específica de restauro de papel ou de reencadernação foram realizados pelo restaurador Claudio da Costa. A digitalização ficou a cargo da tecnóloga em conservação e restauro Deborah Braga.

Esta prática permitiu realizar distintos processos dada a grande diversidade de formatos e processos de produção de álbuns presentes no século passado. Trabalhamos os diferentes modos de encadernação, como costura, brochura, cordão ou espiralados. Múltiplas formas de fixação das fotografias estavam presentes, como colagem com goma arábica, cola PVA, cantoneiras, envelopes plásticos de encaixe e os “magnéticos” (fixados com uma cola de tato permanente) que aparecem na segunda metade do séc. XX.

A partir do ganho dessa bem-sucedida experiência, passo a seguir a metodologia que utilizamos, com dicas e a sequência de etapas que necessitam ser realizadas quando se faz um processo de conservação, restauro e preservação de álbuns fotográficos.

O primeiro procedimento importante é documentar de maneira mais completa possível o objeto e seu estado. Uma ficha de diagnóstico é preenchida com as principais informações como título, data, quantidade de fotos, tipo de álbum, quantidade folhas, dimensões, número de tomo e demais itens que farão parte do histórico do item. Realizar um registro fotográfico também é fundamental, isso irá facilitar a identificação, registrar os problemas de deterioração, como rasgos, dobras, partes faltantes, permitindo a consulta posterior de seu estado inicial. Antes de qualquer desmonte também é fundamental fotografar as páginas inteiras, preservando a informação original de organização, ordem das páginas e disposição das imagens nestas. Esse histórico servirá também para identificação dos processos de deterioração comumente encontrados, como degradação química, biológica ou mecânica, sugestão de contenção destas, intervenções que podem ser realizadas e seus respectivos materiais necessários. Desse modo irá indicar as sugestões de intervenções e servirá para quantificar os materiais a serem adquiridos.

Os diferentes processos fotográficos e formatos de época neste momento também são identificados, como ampliações Branco & Preto, processos cromogênicos, papéis resinados, e ajudam para uma melhor



Folha do álbum referente a fotos e identificação dos Freis Capuchinhos.

análise dos processos de deterioração das cópias, tais como o amarelecimento, o esmaecimento cromático, migração da cola, espelhamento da prata, presença de fungos, traças, permitindo uma redação de proposta de intervenção mais acurada e previsão dos materiais necessários para sua estabilização.

Ao iniciar o processo de conservação e restauro vale documentar os procedimentos e intervenções realizados, uma ficha de controle, onde são anotados os processos comuns: desmontagem, limpeza mecânica com trincha, limpeza da capa, remontagem, acondicionamento, e específicos de cada item, como reforço nas dobras, retirada de possíveis etiquetas, troca de entrefolhamento, ou outras ações de estabilização dos processos naturais de degradação das cópias e dos suportes (folhas e encadernações). Para melhor documentação, são anotados o responsável e data de finalização de cada intervenção. Todo o processo de restauro, deve ser documentado fotograficamente, como a desmontagem, limpeza mecânica e química, fixação das ampliações, entrefolhamento, reencadernação (ou mesmo desmontagem total).

A documentação textual e fotográfica permite produzir um conhecimento que permaneça na instituição e os esquemas passo-a-passo das principais ações realizadas e poderão facilmente ser replicadas em outros momentos.

Dentro das linhas de atuação de uma instituição museológica, como conservação, guarda ou as ações educativas, a comunicação do conteúdo do acervo para pesquisa e produção de conhecimento é também parte importante. Não há dúvidas que atualmente a digitalização é o meio mais amplo para a disponibilização deste.

No caso específico de álbuns fotográficos, o processo de digitalização é duplo, produzindo imagens dele completo como objeto e digitalizando individualmente as cópias nele contidas.

A digitalização completa, em página inteira, capa e contracapa pode ser feita de dois modos: com câmara fotográfica ou escaneando as páginas inteiras. Dependendo do tamanho, da impossibilidade de desmontagem ou riscos de deterioração mecânica pela dificuldade de abertura das páginas, esta é a melhor opção. Atentar para iluminação, reflexos e balanço de branco para não distorcer as cores ori-

ginais, são cuidados que devem ser planejados.

Após a digitalização completa, é possível criar um arquivo de leitura tipo PDF que pode ser disponibilizado como um livro digital, permitindo o folheamento virtual e reproduzindo o álbum em sua sequência original, preservando suas características específicas como a capa, o suporte secundário, fixação por cantoneiras e intervenções originais como aplicação ou grafia de legendas.

A digitalização individual de cada cópia contida no álbum é preferivelmente feita por scanner fotográfico sem pré-ajustes e com perfil de cor incorporado. O escaneamento deve ser feito em alta resolução, mínimo 300ppi e para imagens pequenas como cópias de contato com 600ppi, criando imagens que possam depois serem tratadas digitalmente em programas profissionais, melhor ajuste de cores, contraste, retirada de marcas, etc. Isso permite uma melhor qualidade da imagem digital que poderá servir para ampliações futuras sem a necessidade se de manusear novamente o álbum em que está.

Assim, no caso de álbum fotográfico, atribuímos 2 tombo, o tombo como objeto contendo a descrição geral, quantidade de fotos, páginas e o tombo individual de cada cópia contida. No MusCap os álbuns foram tombados com o padrão AL001, AL002, ... e as fotografias pertencentes a eles com um tombo sequencial por álbum FO001, FO002, ... ficando por exemplo, AL052. FO30 a 30ª fotografia do álbum 052.

O processo de digitalização ocorre em sincronia com o processo de restauro. Aproveita-se que o álbum está desmontado, recebendo intervenções como

Após a digitalização completa, é possível criar um arquivo de leitura tipo PDF que pode ser disponibilizado como um livro digital, permitindo o folheamento virtual e reproduzindo o álbum em sua sequência original

limpeza e restauro nas capas, e faz-se o escaneamento das fotografias, marcação do tombo a lápis 6B no suporte secundário e depois este volta para a remontagem, troca de entrefolhamento e possíveis intervenções nas páginas.

As ações de limpeza, desmontagem, restauro e reencadernações foram todas feitas no ateliê de restauro do Muscap que conta com ferramental, materiais de consumo e espaço exclusivo para essas intervenções. É ideal ter um espaço dedicado, separado da reserva técnica, para não correr o risco de contaminação devido à grande variedade de intervenções físicas durante os processos de restauro e estabilização, tais como retirada de etiquetas, desmontagem, reforço nas dobras, troca ou inserção de entrefolhamento, refixação das cópias, limpeza das capas, reforço na encadernação, higienização, reidratação, análise ou correção de pH, para então finalmente partir para sua remontagem e guarda.

Neste último projeto, 20 álbuns fotográficos receberam ações de conservação e estabilização, 15 destes necessitaram de algum procedimento de restauro de encadernação. No total, 1686 fotografias receberam os tombo individuais e foram digitalizadas. Ao final os álbuns foram acondicionados em caixas confeccionadas para esse fim. Para cada álbum foi criado um arquivo PDF que pode ser baixado no site do museu, cumprindo as principais funções da instituição, que preserva e disponibiliza a memória capuchinha no Brasil. ■

Álbum durante processo de conservação no MusCap



ACERVO MUSCAP

PARA QUE FORMAR E PRESERVAR ACERVOS?



Eliane Rela

Doutora em Informática na Educação pela UFRGS, professora e pesquisadora da Universidade de Caxias do Sul nos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação



Christian de Lima

Coordenador do Museu dos Capuchinhos do RS e artista visual

O presente texto propõe uma reflexão sobre o papel e as funções de um espaço de memória, representado nessa escrita pelo estudo de caso do MusCap — Museu dos Capuchinhos, que possibilita identificar seu papel na preservação de documentos relativos à história da instituição e, também na difusão cultural de conjuntos documentais de interesse à toda comunidade. Dentro das diversas funções do MusCap destacam-se a pesquisa, a educação museal, a gestão de acervos e a interação com a comunidade mediada por diferentes projetos.

O contexto histórico do MusCap tem início em 1980, na cidade de Porto Alegre - RS, com o propósito de resguardar e preservar a memória dos Freis Capuchinhos da Província do Sagrado Coração de Jesus. Neste ano os estudantes de teologia Arlindo Itacir Battistel, Agemir Bavaresco, Wilson Dallagnol e Celso Bordignon — atual diretor da instituição —, incentivados por frei Rovílio Costa — referência por seu trabalho na publicação de livros no

Rio Grande do Sul —, criam o termo de abertura do livro de registro de acervos, denominado de “Museu Antropológico-religioso Efrém de Bellevaux”. Até o ano de 1985 mais de 600 peças já haviam sido coletadas e registradas para constituir o museu, que neste ano deixou a capital gaúcha para instalar-se no Seminário São José, em Veranópolis. No período, o acervo ficou guardado sem profissionais para executarem um trabalho de conservação, guarda e registro adequado, fazendo com que muitas peças fossem dispersas e entrassem em processo de degradação.

No ano de 1993 o museu foi aprovado oficialmente pelo XVI Capítulo Provincial, passando a chamar oficialmente de Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul - MusCap, com sede na edificação que abrigava a antiga Editora São Miguel. Assim inicia-se a transferência do acervo para Caxias do Sul-RS. Para que o espaço acolhesse as diferentes tipologias de objetos que o compõem, em 1998 são iniciadas reformas e adaptações na parte interior do prédio, sob orientação de frei Celso Bordignon, com colaboração do então diretor do Museu Municipal, o historiador Juventino Dal Bó.

Em 6 de dezembro de 2000, o museu foi então aberto à comunidade com o objetivo de preservar e divulgar o carisma e a memória dos freis Capuchinhos. Para comemorar a data, foi aberta a primeira

Em 6 de dezembro de 2000, o MusCap foi aberto à comunidade para preservar e divulgar o carisma e a memória dos freis Capuchinhos

ACERVO MUSCAP



Na foto freis Capuchinhos visitando a obra Mona Lisa, do pintor Leonardo Da Vinci, localizada no Museu do Louvre, França.

exposição do MusCap, composta por 100 peças do acervo. Outra marca significativa na instituição corresponde a reestruturação museológica realizada em 2012, tendo como bases norteadoras o Plano Museológico e um Planejamento Plurianual de Atividades. A partir desta data estipulou-se a necessidade de uma equipe de profissionais com formação específica em diversas áreas de atuação, como a museologia, a história, a conservação e o restauro. Posteriormente em 2015 foi lançada a primeira edição da Revista *Le Musée*, que registra atividades desenvolvidas na instituição, e também propõe reflexões sobre importantes temas como memória, preservação, conservação, dentre outros.

O MusCap conta com espaços adequados, como sala de exposições temporárias, reserva técnica, laboratório de conservação, espaço para higienização, biblioteca e outras salas para o acondicionamento dos acervos. A estrutura possibilita intensificar seus objetivos como preservar o acervo histórico documental da instituição; promover a guarda e a conservação de acervos referentes à cultura institucional integrada aos diferentes lugares de atuação. Além do objetivo de preservar o seu acervo histórico, a estrutura possibilita disponibilizá-lo, de forma adequada, como suporte informacional no fomento à pesquisa e à formação, uma vez que acolhe estágios profissionais e grupos de estudantes para aulas junto ao acervo. Seu acervo é formado por documentação escrita, impressa, iconográfica, filmográfica, têxtil, documentos sonoros e mobiliário.

Para que formar e preservar acervos?

A importância dos espaços de memória acompanha, de fato, a afirmação dessa mesma instituição como um microcosmo com formas e modos específicos de organização e funcionamento. Nessa perspectiva, simultaneamente, apresenta-se com uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida da instituição (e das pessoas a ela ligadas). Em sua multidimensionalidade, o acervo assume um papel fundamental na construção da memória e da identidade histórica institucional.

Memória e identidade coletivas fazem parte de um mesmo processo, e para reconhecer como

se dá a construção da identidade de um grupo, é necessário utilizar como fonte suas memórias. Um dos autores que relaciona identidade e memória é Pollak (1989), que refere identidade como a imagem que uma pessoa constrói e apresenta aos outros e a si própria, construção essa que se realiza ao longo de um percurso histórico situado.

Já sobre a memória, o mesmo autor diz que a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, definindo o seu lugar, sua complementaridade, mas também as suas oposições. Nesse sentido, a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, integra-se em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades. A identidade, então, é uma manifestação ligada à memória coletiva ou à dimensão do pertencimento social, no qual memórias são compartilhadas, e há a percepção da diferença em relação ao outro, isto é, a identidade se constitui em relação à alteridade.

As concepções de memória e de identidade relacionadas à emergência do uso de diferentes fontes fornecem pistas para a construção das culturas institucionais. Nessa perspectiva de fontes, é importante preservar a documentação produzida com vistas à formação de acervos que proporcionem o registro da memória, a investigação sobre identidades e sobre culturas.

Um acervo permanente não é construído por acaso. E a história não é feita com documentos que nascem para ser históricos, uma vez que a história é feita com os registros do cotidiano (BELLOTTO, 2004). De modo geral, as instituições precisam guardar, de forma permanente, documentos produzidos no agir cotidiano. Essa documentação, até recentemente, gerou e ainda gera grandes volumes de papéis. A falta de espaço físico acaba sendo utilizada como forte motivação para a eliminação de documentos. Tal fator, associado à pouca compreensão sobre o valor histórico e científico das informações cotidianamente produzidas, promoveu o distanciamento do valor de memória das trajetórias institucionais.

Ademais, a ausência de conhecimento sobre a importância da preservação dos acervos e o entendimento do uso destes como fonte para pesquisa deve ser uma preocupação constante, não somente das instituições, todavia, inclusive, de todos cuja

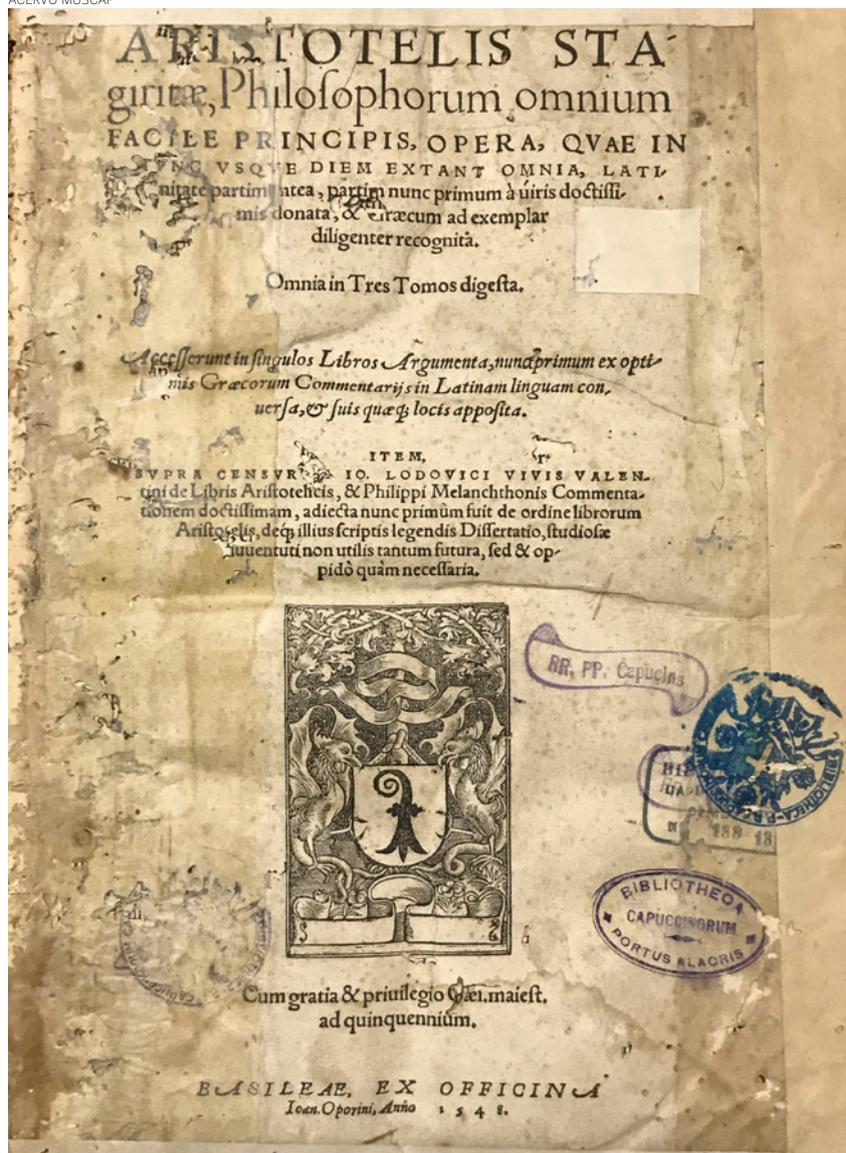
As instituições precisam guardar, de forma permanente, documentos produzidos no agir cotidiano. Essa documentação gera grandes volumes de papéis. A falta de espaço físico acaba sendo utilizada como forte motivação para a eliminação de documentos. Tal fator, associado à pouca compreensão sobre o valor histórico e científico das informações cotidianamente produzidas, promoveu o distanciamento do valor de memória das trajetórias institucionais.

atuação cotidiana dá sentido à identidade e à memória.

O MusCap promove ações de integração com a comunidade por meio de diferentes projetos, os quais contextualizam e emolduram a memória institucional. Ilustram tal memória exposições como “Peregrinos e Forasteiros” que exibiu as malas de diferentes frades e apresentou à comunidade a diversidade de trajetórias individuais dos freis e seus diferentes ofícios.

O MusCap representa, além do exposto aqui, o papel preponderante de inserção na comunidade por meio da preservação de fontes. Nesse sentido disponibiliza acervos de interesse para a comunidade por meio de coleções documentais que, após receber o tratamento técnico adequado (avaliação, limpeza, arranjo), é disponibilizada para consulta.

ACERVO MUSCAP



Obra *Opera Omnia*, de Aristóteles que consta no acervo do MusCap e que originou artigo científico no evento VI Jornadas Mercosul – Memória, Ambiente e Patrimônio, em 2020, tendo como autores Christian de Lima, Celso Bordignon e Eliana Relá.

Como objetivo decorrente do trabalho de organização de um acervo, é possível identificar o seu potencial, enquanto fontes de pesquisa para a produção científica, e também na preservação de fontes para história local. Tais documentos permitem apreender a realidade em que foram produzidos, mas podem ser lidos em perspectivas diversas, expressando na sua materialidade e no seu conteúdo a riqueza dos contextos de produção.

No atual processo de produção em massa de informações, sejam elas em meio físico sejam em meio digital, para que formar acervos históricos? A gestão das informações do acervo documental do MusCap exemplifica uma inserção no fio da História e da produção de memória coletiva. Vida longa ao MusCap! ■

REFERÊNCIAS

- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Arquivos permanentes: tratamento documental. 2.ed. . Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos. RJ, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.
- RELA, Eliana. CEDOC/UCS: Ensino, Pesquisa e Memória de Acervos Educacionais.. In: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do (organizador). Centros de documentação e arquivos: acervos, experiências e formação. São Leopoldo: Oikos, 2016. pág. 57.

COMEMORAÇÃO HISTÓRICA

125 ANOS DE MISSÃO CAPUCHINHA NO RIO GRANDE DO SUL E 80 ANOS DA PROVÍNCIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



Frei Celso Bordignon

Diretor do Museu dos Capuchinhos do RS

Relembrar, fazer memória e celebrar é reviver para viver. Jubileus são celebrações de tempos em tempos para retomar o ponto de partida, o ponto de chegada e um novo impulso para continuar a missão, a caminhada, os desafios que temos pela frente.

Os Capuchinhos franceses Bruno de Gillonnay e Leão de Montsapey chegaram em Conde d'Eu, atual Garibaldi, na tarde do dia 18 de janeiro de 1896, para iniciarem a missão, acompanhados do Ministro Provincial da França frei Rafael de La Roche. Vieram a pedido de Dom Cláudio Ponce de Leão, então bispo do Rio Grande do Sul. Logo após a chegada perceberam a realidade, as dificuldades e desafios que teriam junto aos imigrantes europeus que já estavam estabelecidos e também chegando nestas regiões da serra. Também se deram conta de outros desafios junto às populações nativas que estavam aqui a mais tempo.

Assumiram muitas paróquias como um meio de sustentação e um modo de atrair vocações para a Ordem. Criaram seminários e preocuparam-

-se com a educação, motivando outras congregações francesas a assumirem esta tarefa. Logo em seguida chegaram as irmãs de São José de Chamberry, os Irmãos Maristas e os Irmãos Lassalistas.

A Carta Circular nº 02 de junho de 2021 motivou a Província a celebrar o Ano Jubilar tendo como objetivos: fazer memória da história e legado deixado pelos frades capuchinhos no Rio Grande do Sul, valorizar cada frade e a Equipe Missionária nestes 125 anos. O desejo de projetar um futuro com esperança de uma fraternidade que quer cultivar na vida e na missão o lema: **"Fratelli Tutti: Identidade, Pertença e Missão"** envolvendo todos os frades e setores da Província.

Comemorar é sempre uma festividade. Neste caso, uma data para marcarmos com alegria. Caminhar pela memória, recordar acontecimentos e fatos que constituem uma história de forma expressiva, é marcar como espectadores ou protagonistas a era em que vivemos. A chegada dos primeiros freis franceses nestas terras é datada de 1896, mas sua origem nos remete ao século XVI onde seguidores de São Francisco de Assis buscam uma renovação nos ideais propostos pelo fundador da Ordem.

Não vamos aqui nos adentrar a história da origem dos Capuchinhos e a construção de nossa Província, mas sim ao legado construído e ao carisma franciscano que vivemos diariamente. Ao falarmos sobre essa história, devemos pensar no ato de coragem destes freis em sua chegada no Rio Grande do Sul, aos perigos encontrados, as novidades e a ânsia de dedicarem-se à Missão que os trouxe para este continente. Certamente que o ânimo e dedicação destes

freis franceses construíram com bases sólidas e aspectos tão importantes para serem lembrados.

Para celebrar os 125 anos de presença e os 80 anos da Província, foi constituída uma equipe com os freis Bruno Agostineto, Claudécir Fantini, Nilmar Carlos Gatto, Rodrigo Antunes de Lima, Vandrigo Zacchi, Vanildo Zugno, Volmir Warken e eu. Para tanto foi pensada uma série de ações e atividades para marcar a comemoração, entre elas uma exposição Itinerante com 12 banners que contam através de imagens e pequenos textos a nossa trajetória destes 125 anos de presença e missão, acompanhada de livros para que as comunidades pudessem deixar seus registros e impressões.

Outra ação que marca as comemorações é o lançamento do livro *Frades Menores Capuchinhos no Rio Grande do Sul (1896 – 2021)*, de autoria do frei Vanildo Zugno, que recorda a história dissertando sobre o importante legado deixado pelos freis capuchinhos no RS.

Foi também elaborado um Hino para o triênio e celebração dos 125 anos de missão e 80 de Província com o título “**Fratelli Tutti: Identidade, Pertença e Missão**”, letra e música dos freis Cristian Martins Almeida e Rodrigo Antunes de Lima.

ACERVO MUSCAP



Frei Bruno de Gillonnay. Chegada a Rio Grande/RS em dezembro de 1895.

É também uma história composta por inúmeras pessoas anônimas que ao lado dos freis Capuchinhos contribuíram de forma significativa na construção de cidades e de comunidades que foram tocadas pelo carisma franciscano. Estas comemorações são pontos iniciais de uma grande jornada para todos os que tiverem interesse de conhecer mais sobre esta história de presença dos freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

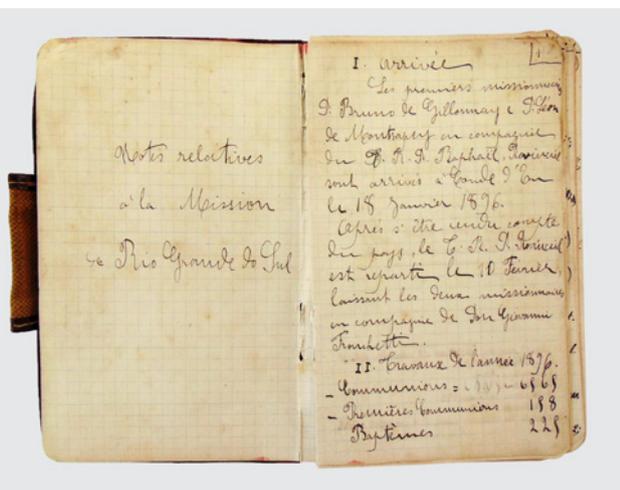
A chegada dos primeiros freis franceses nestas terras é datada de 1896, mas sua origem nos remete ao século XVI onde seguidores de São Francisco de Assis buscam uma renovação nos ideais propostos pelo fundador da Ordem.

Chegada

No século XIX no Brasil passou por um intenso período de ondas imigratórias, grande parte vindas da Europa. Só no Rio Grande do Sul mais de 50 mil italianos entre os anos de 1875 e 1889 emigraram da Itália para cidades gaúchas, como exemplo: Campo dos Bugres — atual Caxias do Sul —, Nova Vicenza — atual Farroupilha — e Conde d’Eu, hoje Garibaldi. Essa foi a cidade escolhida para que os frades franceses, Bruno de Gillonnay e Leão de Montsapey, acompanhados pelo ministro provincial, frei Rafael de La Roche, da Província de Savoia, França, implantassem um novo projeto missionário junto aos imigrantes. No ano de 1902 o número de frades chega a 15. Dedicavam-se às missões e atuavam diretamente na formação religiosa. Até 1908, há registro de 62 freis que vieram da Europa, sendo em grande maioria franceses.

Carta de Frei Bruno de Gillonnay em 14 de dezembro de 1896 aos superiores na França:

“Eu creio que poderemos fazer deles excelentes religiosos e a colônia italiana seria conquistada com missionários nascidos em seu próprio meio, pois não se pode pensar em progresso para a Missão e desenvolvimento da Igreja sem um clero nativo. A primeira e mais necessária das obras é o Seminário Seráfico que acolha os jovens vocacionados e os prepare para o noviciado. É uma obra indispensável, uma vez que a província, sobrecarregada com outras missões, não poderá levar pessoal em número suficiente para nosso futuro”.



Diário do Frei Bruno de Gillonnay, 1896 a 1904, em francês, com dados estatísticos da Missão no Rio Grande do Sul.

Formação

Uma das grandes preocupações da Missão e de frei Bruno de Gillonnay era a educação. Em 1898 criou-se a primeira Escola Seráfica em Conde d’Eu, atual Garibaldi, seguindo o modelo da Província de Savoia. Com o ingresso de novos estudantes para a vida religiosa, em 1902 se depararam com a necessidade de expandir seus espaços, transferindo a então escola para a cidade de Veranópolis, iniciando uma nova construção com capacidade para 50 estudantes. Ao longo dos anos foram construídas edificações maiores e que chegaram a abrigar em torno de 200 estudantes.





Acima: seminaristas na Escola Seráfica, em Veranópolis/RS, 1905.

À esquerda, acima: grupo de seminaristas e frades em demonstração de trabalho no Seminário Seráfico São José, em Veranópolis/RS, no ano de 1942.

À esquerda, abaixo: Ginásio Duque de Caxias e Hospital São Paulo em Lagoa Vermelha/RS.

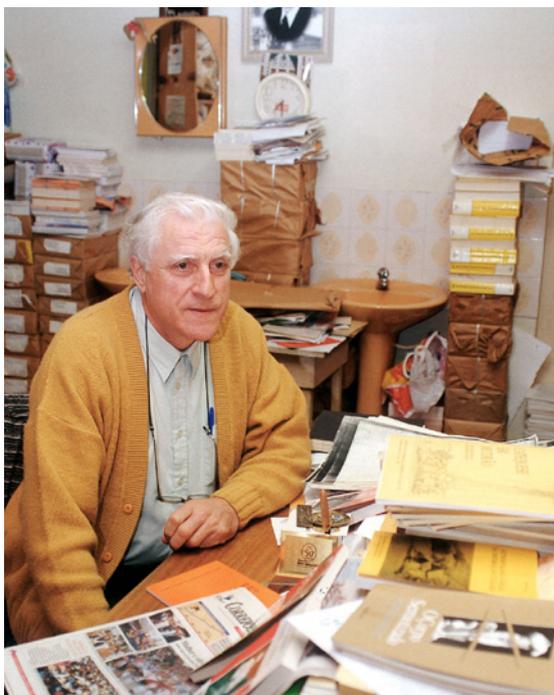


Assistência social e saúde

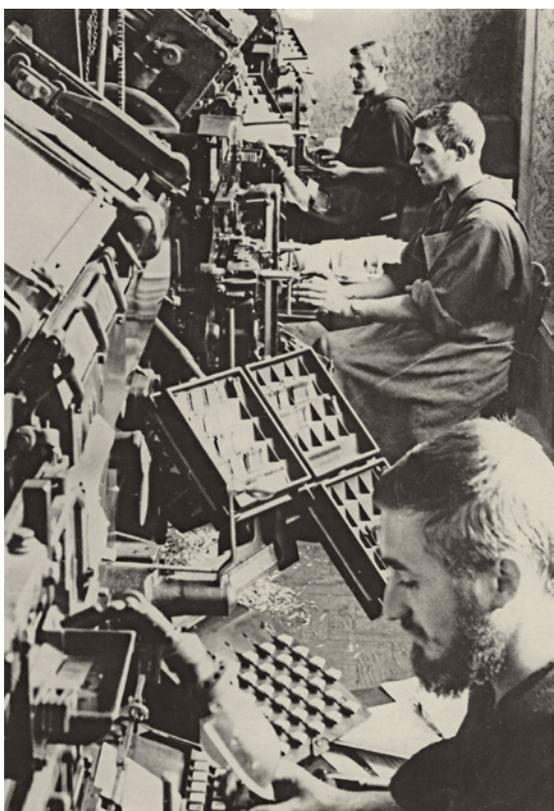
A preocupação com a assistência social e saúde sempre esteve presente no trabalho dos Capuchinhos do RS, que atuaram também como capelães hospitalares e na construção de espaços para atendimento da comunidade.

Um dos primeiros registros do efetivo trabalho no auxílio às comunidades foi a obra Hospitalar construída pelo frei Gentil Giacomel, na cidade de Erechim no início do século XX. Nas décadas posteriores a atuação na construções e realização de atividades hospitalares se emancipou, fazendo com que as ações ligadas à saúde fossem encontradas em diversas localidades, como: Lagoa Vermelha, Machadinho, Ibiraiaras, Barros Cassal, entre outras.

Inaugurado durante o Estado Novo de Vargas, em 1940, o Hospital Colônia Itapuã foi criado para tratamento e isolamento de pessoas com lepra, doença hoje conhecida como hanseníase. Com o Hospital em funcionamento, foi solicitado aos Capuchinhos a indicação de um capelão para atender



Frei Rovílio Costa, nas dependências da EST Edições, em Porto Alegre/RS. Editora criada por ele no início dos anos de 1970, com um catálogo de mais de 2500 títulos editados.



Sistema de composição a chumbo da Tipografia São Miguel, Caxias do Sul/RS, em 1965.

os internos, e assim, frei Pacífico de Bellevaux assume esta pastoral até o ano de 1953. Ao longo do funcionamento do Hospital vários religiosos e estudantes de Teologia frequentaram o espaço até o encerramento sistemático de suas atividades.

Merece destaque sobre o assunto o trabalho pioneiro realizado em Canoas, envolvendo reciclagem de resíduos reutilizáveis. Os freis Volmir Bavaresco, João Carlos Romanini, Claudelino Brustololin e José Deon estiveram à frente do trabalho. Do mesmo modo, o programa LEFAN, criado para dar atendimento imediato em Caxias do Sul aos mais necessitados que segue com atuação contínua até os dias atuais.

Educação

Os capuchinhos sentiram a necessidade de instrução para os filhos de imigrantes e os indígenas. Em 1898, chegaram as Irmãs do São José; em 1904, os Maristas; em 1907, os Lassalistas, e para atender os colonos poloneses chegou frei Honorato Jedlinski. Houve atuação também em seminários, ginásios e cursos superiores. Durante o decorrer do século foram inúmeras iniciativas pautadas na educação direta e indiretamente. A atuação no Seminário Diocesano Madre de Deus em Porto Alegre para alguns tornou-se um dos pontos mais importantes da Missão no RS, chegando a formar durante a administração dos Capuchinhos 35 sacerdotes ordenados. Em 1949 chegam em Ijuí, deixando seu legado na área educacional. Assumem a direção de diversos colégios, concomitante a criação do Curso Colegial Agrícola; Instituto de Menores de Ijuí; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí; entre outras iniciativas.

Cultura

O novo modo de expandir a fé trazida pelos frades também se expressou na arquitetura, na música e nas diversas linguagens artísticas. Frei Rovílio Costa destacou-se pelo seu trabalho com pesquisa histórica e difusão do conhecimento por meio de publicações. Na área musical, trouxeram da França uma profunda tradição. Um dos trabalhos mais significativos é a obra deixada pelo frei Exupère de La Compôte, reunida e apresentada no livro Teoria e Prática Musical. Na literatura publicaram uma vasta obra intelectual e que se mantém presente até os dias de



Freis Rufino de Bellevaux, Efrém de Bellevaux e mais dois confrades. Frei Rufino dirigiu a *Schola Cantorum* de 1912 até a sua morte em 26 de novembro de 1918. Veranópolis/RS.

hoje. Exemplo disso é o livro *Antropologia da Imigração do Rio Grande do Sul*, publicado pelo frei Rovílio Costa. Nas artes plásticas destaca-se o trabalho do frei Osvaldo Jacques, um dos primeiros ilustradores do livro "Nanetto Pipetta". Na década de 1970, frei Osvaldo produziu uma série de pinturas do Cântico das Criaturas.

Comunicação

Por meio do jornal *Correio Riograndense*, foi possível levar informações e conhecimentos para pessoas que não tinham acesso a outros meios de comunicação. A publicação tornou-se um suporte para a melhoria na condição de vida dos agricultores, modernizando-se ao longo de sua existência. Encerrou suas atividades impressas no dia 8 de fevereiro de 2017. Outro marco na comunicação foi a criação do calendário antonia-

no, as rádios e a TV difusora. Entre os momentos marcados pela programação da emissora, destaca-se em 1972 a primeira transmissão em cores do Brasil, exibindo a festa da Uva de Caxias do Sul. ■

REFERÊNCIAS

- COSTA, Rovílio; BONI, Luis A de. *Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est - Escola Superior de Teologia, 1996. 866 p.
- GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul 1895-1909*. Caxias do Sul: Est - Escola Superior de Teologia, 2007. 445 p.
- ZUGNO, Vanildo L. *Frades Menores capuchinhos no Rio Grande do Sul (1896-2021)*. 1. ed. Caxias do Sul: São Miguel, 2022. 239 p.

GABRIELA AIDAR

PROGRAMAS EDUCATIVOS INCLUSIVOS DA PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO



LEVI FANAN

Sou bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Estudos de Museus de Arte pelo Museu de Arte Contemporânea e em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da USP. Obtive o título de Master of Arts in Museum Studies pela Universidade de Leicester, no Reino Unido. Trabalho desde 2002 no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo onde coordeno os Programas Educativos Inclusivos.

Sabe-se da importância do Programa Educativo nos espaços museais. O Plano Museológico é a ferramenta que norteia tais ações. Relate como se deu o processo de elaboração do Programa Educativo da Pinacoteca.

O Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca, em sua atual configuração e projeto pedagógico, foi criado em 2002, ou seja, este ano chegamos ao nosso vigésimo ano de ações educativas continuadas. Isto configura uma situação muito particular da Pinacoteca no panorama museológico nacional, já que é bastante raro o mesmo projeto de educação museal em atuação de maneira continuada por tanto tempo. A continuidade dos programas, projetos e ações também nos oferece a oportunidade de sistematizarmos e avaliarmos nossa prática ao longo do tempo, algo importante para processos educativos de qualidade.

Desde o início, nossa perspectiva foi compreender quem eram nossos públicos visitantes e desenvolver ações para eles, mas também desenharmos programas voltados aos públicos que não eram nossos frequentadores, especialmente aqueles do nosso entorno geográfico. Assim, ao longo desses 20 anos

NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA DA PINACOTECA DE SÃO PAULO



Aula no curso de formação para educadores sociais

de atuação, seguimos a mesma lógica de desenvolver programas e projetos com públicos tradicionalmente frequentadores, como grupos escolares e famílias de classes médias e altas - visitantes espontâneos do museu -, e grupos que tradicionalmente não visitam instituições oficiais de cultura, como grupos de pessoas com deficiência e em situação de sofrimento psíquico, pessoas com 60 anos ou mais e pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Relacionadas às atividades inclusivas da Pinacoteca, descreva as principais ações realizadas.

Os Programas Educativos Inclusivos do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca são voltados a públicos não tradicionalmente visitantes de museus e para os quais temos de desenvolver ações proativas de aproximação. São programas que atuam com pessoas com deficiências físicas, sensoriais e intelectuais, ou em sofrimento psíquico; com grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social, muitos do próprio entorno do museu; com pessoas com 60 anos ou mais, e também com a formação continuada dos funcionários do museu, es-

pecialmente das áreas de recepção e equipes terceirizadas de segurança e limpeza. A opção por trabalhar com esses perfis de públicos se deve em parte a um diálogo com nosso contexto institucional, como no caso dos idosos, grupo etário sub-representado nas pesquisas de perfil de público espontâneo do museu. No caso dos grupos em situação de vulnerabilidade social, são em sua maioria da região central da cidade de São Paulo, onde a Pinacoteca se localiza. Nesse caso, compõem-se em grande parte de grupos de adultos em situação de rua, além de pessoas que fazem uso problemático de drogas.

Apesar de termos equipes e abordagens educativas específicas em cada um desses quatro programas, eles possuem alguns pressupostos metodológicos comuns. O primeiro deles é *sermos proativos na aproximação com os públicos-alvo*, algo fundamental quando trabalhamos com públicos não frequentadores de instituições culturais, para os quais não é suficiente que o museu tenha alguns dias de gratuidade de ingresso, ao contrário, a aproximação deve partir da própria instituição, que não é vista como uma interlocutora ou parceira natural por parte dos educandos e dos profissionais que atuam com eles. O segundo é o *desenvolvimento de ações a partir dos perfis, repertórios, experiências, interesses e demandas dos grupos*, ou seja, implica na elaboração de percursos singulares para cada grupo, em oposição à ideia de roteiros educativos predeterminados, relativamente comum na educação museal. O contato com os públicos-alvo se dá por meio do *estabelecimento de parcerias com organizações, projetos e coletivos com os quais estejam vinculados*. Entre as organizações parceiras encontram-se desde aquelas de caráter mais institucionalizado, como organizações de educação não formal, de assistência social ou de saúde, até movimentos sociais. São essas parceiras que garantirão a *continuidade dos processos educativos desenvolvidos*. Os programas atuam prioritariamente de maneira continuada com os educandos, o que permite o aprofundamento das estratégias e das relações e vínculos com os grupos e entre eles. Isso possibilita que os próprios educandos definam o que será interessante no contato com o museu, dada sua maturidade e familiaridade com a Pinacoteca e as demandas advindas disso.

Outra ação comum são os *cursos de formação para profissionais que atuam com os públicos-*

NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA DA PINACOTECA DE SÃO PAULO



Visita educativa a grupo de idosas

-alvo, em sua maioria profissionais da assistência social, saúde ou educação inclusiva. São formações que têm como objetivo compartilhar subsídios para que os profissionais utilizem os museus e outros equipamentos culturais em suas práticas socioeducativas, apropriando-se dos espaços, conteúdos e procedimentos da Pinacoteca e dos museus em geral. Já foram capacitados por esses cursos mais de 1.000 profissionais que atuam junto a pessoas com deficiência, em situação de sofrimento psíquico, pessoas com 60 anos ou mais e em situação de vulnerabilidade social.

Quanto à questão da inclusão, na sua opinião, o que a equipe do museu deve avaliar para criar e executar ações voltadas para este público?

O principal é capacitar-se. É preciso romper com o senso comum que para desenvolver ações inclusivas basta a boa vontade das equipes. Já temos reflexões e experiências consolidadas que permitem que busquemos referências para pensarmos estratégias que dialoguem com nossas realidades e vontades institucionais.

Entre as referências que utilizamos estão as reflexões e publicações organizadas pelo britânico Richard Sandell, professor no departamento de Estudos de Museu da Universidade de Leicester, um pesquisador do papel social dos museus.

Ele propõe algumas ideias a respeito da inclusão nos museus que considero úteis para pensarmos nossos projetos. Entre elas, identifica as dimensões culturais da exclusão como sendo relativas a questões de representação, participação e acessibilidade. A primeira lida com o grau em que um indivíduo ou o patrimônio de um grupo é representado dentro da "arena cultural dominante", ou seja, das narrativas curatoriais e da composição dos acervos dos museus; a segunda refere-se às oportunidades que um indivíduo ou grupo têm de participar nos processos de produção cultural, não apenas como visitantes ou espectadores, mas também como criadores e proponentes; e a terceira às oportunidades oferecidas para o contato com os serviços e equipamentos culturais.¹

Percebo que tanto a questão da representação quanto a da acessibilidade têm se desenvolvido mais nos museus brasileiros nos últimos anos, mas ainda temos desafios e um caminho a ser percorrido no que diz respeito aos processos participativos dentro dessas instituições, especialmente com os públicos, visitantes ou potenciais.

Dessa forma, diagnosticar a situação da sua instituição cultural com relação à representação, participação e acessibilidade pode ser um bom ponto de partida, e a partir desses dados iniciais elaborar um plano de ações e prioridades, dentro de suas condições institucionais.

É notório o reconhecimento da Pinacoteca como uma instituição que propõe a participação da comunidade em seu espaço. Quais as estratégias que a pinacoteca utiliza para levar as ações para fora do espaço museológico?

A participação dos públicos nos processos museológicos costuma ser ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade. É cada vez mais comum nos questionarmos se o que estamos promovendo, no caso particular da educação museal, são ações educativas *para* os públicos ou *com* os públicos. Ou seriam ações *para e com* os públicos simultaneamente? Os processos educativos pressupõem a participação inevitavelmente, em maior ou menor intensidade, mesmo naquelas ações em que os visitantes parecem ser mais receptores do que propositores, uma vez que promovem, no mínimo, reflexões e experiências. Aqui vale a ressalva que dedicar-se ou comprometer-se com a participatividade dos públicos nos museus não deve ser visto como respon-

NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA DA PINACOTECA DE SÃO PAULO



Fachada da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

sabilidade exclusiva das equipes educativas, mas um compromisso da instituição como um todo.

A norte-americana Nina Simon dedicou um livro ao tema, chamado *The participatory museum*. Como ela afirma, uma instituição cultural participativa deve ser um lugar onde os visitantes podem criar, compartilhar e se conectar em torno do conteúdo, onde eles não apenas “tenham voz”, mas que possa promover experiências relevantes para todos.² Ou seja, não se trata apenas de ter a opinião dos visitantes ouvida pela instituição, mas que a vivência da participação possa gerar impactos positivos na vida das pessoas.

As ações extramuros que desenvolvemos junto a grupos de pessoas em situação de rua do nosso en-

Museus são lugares de manifestação e proteção dos direitos culturais na esfera da coletividade.

torno, pessoas com 60 anos ou mais, pessoas com deficiência e em situação de sofrimento psíquico, assim como estudantes de escolas públicas da região central da cidade, possuem essa dimensão formativa e de transformação individual e coletiva, ao buscar que o contato qualificado com o museu, seus profissionais e atividades possa gerar impactos positivos no cotidiano e colaborar com a qualidade de vida dos educandos e educandas.

Que sugestões você apontaria para que o museu seja um espaço vivo, dinâmico, plural e inclusivo e dialogue sempre com a comunidade?

Ter em mente que os museus são lugares de manifestação e proteção dos direitos culturais na esfera da coletividade, e que nosso trabalho, em última instância, deveria colaborar na garantia e exercício desses direitos, visando à dignidade da pessoa humana. No caso dos museus, isto pode ser feito por meio do reconhecimento das identidades culturais presentes nas instituições; do contato com outras culturas; da possibilidade de participação nas atividades culturais; da promoção de oportunidades para a criatividade e da liberdade de expressão e de julgamento crítico.³ ■

REFERÊNCIAS

¹ Sandell, Richard. Museums as agents of social inclusion, In: *Museum Management and Curatorship*, vol. 17, n. 4, p. 410.

² Simon, Nina. *The participatory museum*. “Preface, Chapter 1”, 2010.

³ Anderson, David. “Creativity, learning and cultural rights”. In: Sandell, R. & Nightingale, E. (eds.) *Museums, equality and social justice*. London & NY: Routledge, 2012, p. 224.

MUSCAP APRESENTA A PRIMEIRA EDIÇÃO DO CINEMA DE INVERNO

Por Alessandra Bernardi, Camila Borges, Enzo Manfron e Luiz Henrique Pohlod Kapp

O Cinema de Inverno, promovido pelo Museu dos Capuchinhos, teve a sua primeira edição realizada em junho de 2022, em Caxias do Sul. A ação promove o incentivo à cultura e exhibe produções cinematográficas como forma de dar visibilidade a produtores locais e obras clássicas.

O projeto foi idealizado em 2019, mas devido à pandemia se concretizou apenas neste ano. Nos dias 21, 22, 23 e 25 de junho foram apresentados três documentários e um filme artístico. *Fontes da Cidade*, do historiador Lucas Troglio, *O Crime dos Irmãos Biondo*, por Gustavo Resende Fabião, e *Escondidos*, também de Gustavo em parceria com Rafael Vebber, fazem parte das filmagens locais.

Fontes da Cidade conta a história da implementação dos primeiros serviços de saneamento básico em Caxias do Sul entre 1875 e 1928 e é composto por fotografias, entrevistas e documentos que marcam a época. Já *O Crime dos Irmãos Biondo* narra o assassinato de dois irmãos pela polícia enquanto saíam da missa. O caso foi arquivado e se tornou documentário. *Escondidos* relata histórias de pessoas que viveram a Revolução de 1923, focado no não posicionamento da população, nem ao lado de Borges de Medeiros e nem ao lado de Assis Brasil.

— A exibição de três documentários de produtores de Caxias mostra que a cidade tem uma vasta bagagem cultural e que os museus estão aí para impulsionar isso. Os visitantes vêm ver as exposições e podem conhecer um pouco mais sobre a rotina da instituição — relata Christian de Lima, co-

CAMILA BORGES



Exibição cinematográfica do Cinema de Inverno

ordenador e historiador do Museu dos Capuchinhos.

No último dia, a exibição fugiu do regional e com o filme *A Cor da Romã*. Produzido por Sergei Paradjanov em 1969, o drama armênio-soviético é um clássico diferente das produções norte-americanas que o público em geral costuma consumir. Sentimentos abstratos sobre a jornada do trovador Sayat Nova (século XVIII) são revividos em uma perspectiva poética.

Após a exibição do filme, a professora e escritora Alessandra Rech e o diretor do MusCap, frei Celso Bordignon, compartilharam reflexões e experiências relacionadas ao filme com as pessoas presentes.

O filme representa a complexidade dos tempos da vida humana, infância, idade adulta e morte, na presença de cores e texturas marcantes. Cada frame congelado se torna uma belíssima obra de arte em vida e movimentos. *A Cor da Romã* não é um filme para ser entendido e sim contemplado. Em tempos de efemeridade, nada como um momento para refletir e apreciar as peculiaridades dos sentidos e pensamentos humanos.

O coordenador do Muscap afirma que o museu está em constante comunicação com a sociedade, e inseri-la em atividades como o Cinema de Inverno só ressalta a importância de organizar eventos culturais na cidade. Toda a comunidade é convidada para as exposições, mas o público presente pode ser muito maior. Foram aproximadamente 110 pessoas que prestigiaram a primeira edição do evento durante os quatro dias.

Bordignon comenta a importância em mostrar e falar sobre a cultura local. Ele expressa a vontade de realizar mais edições nos próximos anos. O objetivo é atrair o público jovem para uma experiência imersiva, em tempos de alienação impulsionada pela cultura digital e a entrada massiva do cinema comercial e de entretenimento. Com isso, no meio de tanta efemeridade, as produções locais instigam o pensamento crítico, a valorização da arte e um olhar complexo sobre as relações humanas. ■

16ª PRIMAVERA DE MUSEUS

Já é tradição o Museu dos Capuchinhos participar da Primavera de Museus, programa realizado em setembro e coordenado pelo Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. O objetivo é mobilizar e democratizar os espaços museais brasileiros nas comunidades através de um programa de ações especiais com diferentes temáticas. Neste ano, “Independências e museus: outros 200, outras histórias”, é o tema norteador que levou centenas de museus a mobilizarem-se. Segundo o Ibram, “Devemos aproveitar este momento do Bicentário da Independência para renovar os olhares sobre este fato histórico, sob a ótica da diversidade cultural, da liberdade de pensamento, da inclusão, da pluralidade de experiências e de interpretações.”

CHRISTIAN DE LIMA



Apresentação de acervo coleção Sala das Malas.

A primeira edição da Primavera de Museus ocorreu em 2007, antes mesmo da criação do Ibram, com o tema “Meio Ambiente, Memória e Vida e contou com a participação de 300 museus.

Com esta reflexão e com o compromisso de difundir sua missão, exibir seus acervos e tornar-se um espaço vivo e dinâmico, no dia 24 de setembro o MusCap realizou sua ação alusiva a programação, recebendo a visita de um grupo para conhecer de perto a prática de um espaço que se dedica a preservação da história, da memória, da arte e da valorização do patrimônio cultural.

Durante a visita conheceram os acervos do MusCap, entre eles o fotográfico, documental e a reserva técnica. Além do laboratório, espaço destinado para realizar toda a conservação do acervo, também prestigiaram a exposição “E Se Houvesse Amor, da artista plástica Tere Finger”.

Para Willian, integrante do grupo, “algumas pessoas têm o desejo de viajar no tempo, mas esquecem que visitando um museu podem ter essa experiência. Me senti feliz em ver que a história de coragem e foco da missão capuchinha, além das suas histórias individuais, estão muito bem conservadas, as quais continuam sendo atualizadas com muito carinho e dedicação.” ■

VAGNER AUGUSTO PEDRI



Apresentação de acervo bibliográfico da coleção de obras raras.

MEMÓRIAS: UMA REPRESENTAÇÃO DA VIDA ATRAVÉS DAS CORES

Por Alison Zimmer, Juarez Marcante, Maria Eduarda Panizzi e Michelle Pértile

É por meio das cores que o MusCap ganha vida. A exposição *Preservação e Arte: memórias reveladas em aquarelas*, do artista caxiense Antônio Giacomini, levou novos significados a 51 fotos que contam a história dos freis no Rio Grande do Sul. Durante os dias 23 de março e 27 de maio de 2022, o espaço cultural foi palco de uma mostra que buscou transformar o preto e branco das imagens que saíram dos negativos, no passado, em pinturas cheias de cor.

A exposição foi realizada em decorrência da digitalização de 1,8 mil fotografias, presentes em 20 álbuns de acervos do MusCap. O trabalho elaborado por meio da Lei de Incentivo à Cultura (LIC) de Caxias do Sul tinha tudo para permanecer guardado dentro das quatro paredes do museu, mas foi através da arte única de Giacomini que simples imagens se tornaram vida pulsante acessível a todos.

— É essencial analisar o papel do museu na so-

cidade. Restaurar e guardar por quê? O Museu tem que desenvolver estratégias para ser plural, democratizar o conhecimento e a arte — afirma o historiador e coordenador do MusCap, Christian de Lima.

A escolha do artista para a exposição foi decorrente da proximidade de Giacomini com o Frei Celso, diretor do museu, além do trabalho incomparável do profissional. As pinturas começaram a ser produzidas em 2019 e ficaram prontas em março de 2020, mas o início da pandemia adiou em dois anos a mostra do acervo.

Descobrimo as cores

Giacomini teve liberdade completa para a produção das obras. Foram entregues a ele as 1,8 mil fotografias, das quais ele pôde selecionar 51. Depois dessa triagem, teve início o trabalho de estudo de cada retrato, visto



ACERVO MUSCAP



ACERVO ANTONIO GIACOMINI



Abertura da exposição no Museu dos Capuchinhos.

que eles estavam em preto e branco. O artista precisou entender qual era aquele ambiente, quais cores estavam em alta em determinada época, qual o tom de cada árvore e de cada flor. Tudo isso para contar da melhor forma a história de cada registro.

— Esse olhar é uma responsabilidade e ao mesmo tempo uma liberdade para o artista poder trabalhar sem ficar “engessado”. [...] É sair do preto e branco e colocar vida nessas obras — relata o artista.

Um desafio que Giacomin fez questão de abraçar e que encantou ao menos 226 visitantes que estiveram no museu durante os 65 dias de exposição.

Um encontro de memórias

Cada fotografia carrega uma história, a qual ganhou vida nas telas de Giacomin. Para os Freis Capuchinhos, a mostra representou um reencontro com o passado e um resgate de boas memórias. Foi como se as histórias de muitos Freis voltassem à vida, ali.

— A imagem por si só tem um peso muito forte que é perpetuar a história, então a fotografia sempre teve essa função, esse trabalho de transportar a história [...] criar um pouco de mistério, criar informações que agreguem valor, um valor sentimental, valor de tempo, valor de viagem, um valor nostálgico em cima disso —



Frei Celso Bordignon, diretor do MusCap com o artista plástico Antônio Giacomin.

reforça Giacomin.

E foi no brilho do olhar de cada sujeito que se viu representado na arte, que a memória se transformou em sentimento.

Onde encontrar as obras

O projeto teve subsídio do MusCap. Agora, as peças estão à venda no atelier do artista, localizado na Rua João Adami, 286, no bairro Pio X, em Caxias do Sul. Para mais informações, ligue (54) 9 9106-6711. ■

ALÉM DA COLEÇÃO: UMA VISITA À SUBJETIVIDADE DAS OBRAS DO AMARP

Por Andrielly Martins, Gabriel Pereira, Henrique da Fonseca e Matheus Calloni

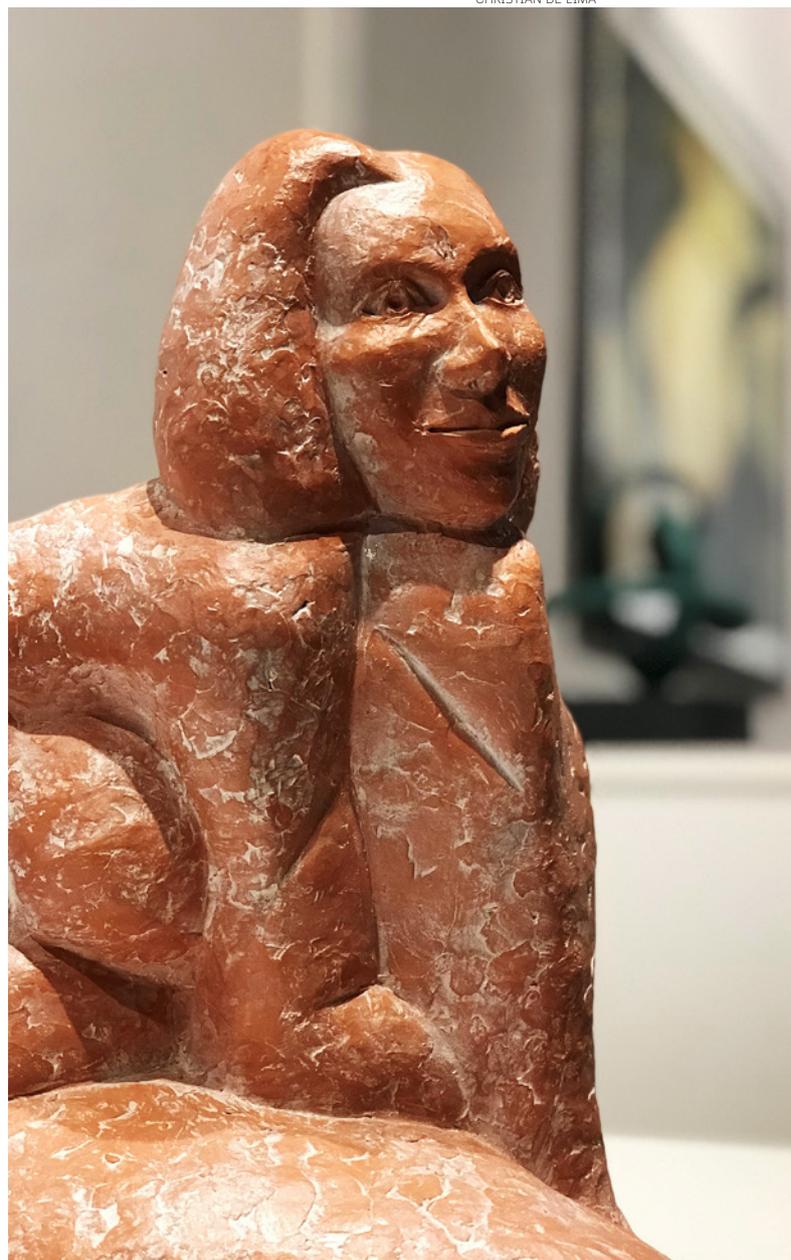
A preservação artística e cultural de uma cidade é de tremenda importância, tendo o objetivo de garantir às gerações futuras acesso ao patrimônio artístico de uma região, aproximando a arte da sociedade. Em Caxias do Sul, tanto o Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul (AMARP) quanto o Museu dos Capuchinhos (MusCap) fazem esse importante papel de conservar e proteger o patrimônio artístico da cidade.

O MusCap, em parceria com a Unidade de Artes Visuais, através do Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul, realizou a exposição “Além da coleção: uma visita à subjetividade das obras do AMARP”. O evento ocorreu desde o dia 20 de maio e culminou em 19 de junho, trazendo ao público 16 obras de 13 artistas que buscaram narrar todo seu conhecimento histórico, técnico e teórico nas obras. Posteriormente entre os dias 29 de junho a 29 de julho as obras foram apresentadas na Sala de Exposições do MusCap.

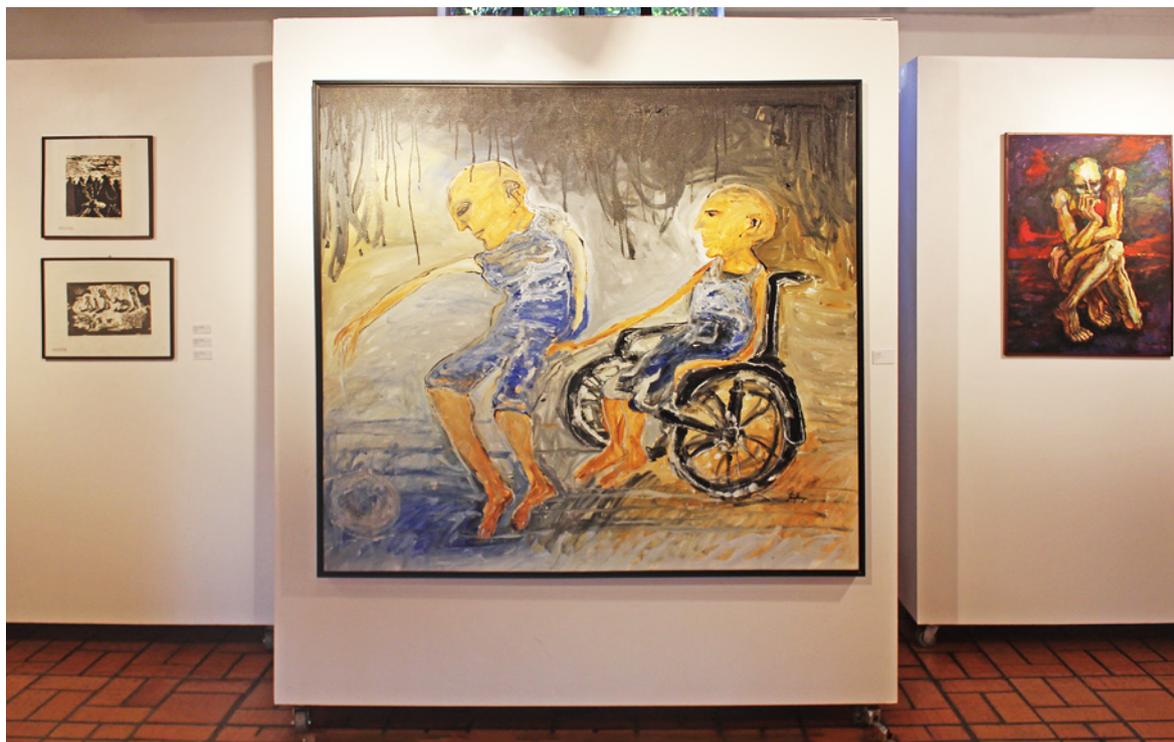
A exposição faz parte da 20ª Semana Nacional de Museus, cujo tema deste ano é “O Poder dos Museus”. Tendo a curadoria de Frei Celso Bordignon, Christian de Lima e Raquel Brambilla, a exibição das obras tem como objetivo manifestar-se como uma ferramenta contra a desinformação e a intolerância, buscando mostrar que o verdadeiro poder dos museus está no fato de despertarem a curiosidade na alma de seu público, a fim de que sejam livres e busquem dentro de si identificação e representatividade nas mais diversas expressões artísticas.

“A comunidade teve a oportunidade de conhecer, a partir de uma ideia, o nome de grandes artistas regionais, democratizar o conhecimento, as manifestações culturais e as diferentes expressões. Essas exposições ajudam a mostrar que o museu não é somente um local onde coisas velhas ficam guardadas, mas sim um espaço cultural de grande

CHRISTIAN DE LIMA



Escultura do artista plástico Nilton Antônio Maia da Silva.



Em destaque quadro da artista plástica Tere Finger.



Escultura da artista plástica Elisa Zattera ao lado de desenho de Beatriz Balen Susin e Alice Soares.

Artistas participantes: Alice Soares, Beatriz Balen Susin, Daniela Antunes, Enio Squeff, Elisa Zattera, Francisco Stockinger, Valdira Teresinha Danckwardt, Juventino Dal Bó, Mara Beatriz Caruso, Marlene Ivete Longhi, Nilton Antônio Maia da Silva, Pedro Vicente Saretta e Terezinha Finger Fiorio.

importância histórica, social e política na sociedade”, afirmou Christian.

O Acervo do AMARP também já foi representada na mostra: “Um olhar acadêmico sobre o AMARP, Novas mediações, Novas percepções”, realizada por estudantes do curso de artes visuais da UCS também na Sala de Exposições do Centro Municipal de Cultura Ordovás. Essa mostra teve como objetivo criar um paralelo entre arte e realidade, além de proporcionar um olhar experimental sobre 15 obras que integram o Acervo Municipal de Artes Plásticas (AMARP), ressaltando o valor cultural de cada uma.

Segundo Mayara Linhar, responsável pelo grupo de curadoria nesse evento, a intenção foi clarear a visão do público sobre o que é arte e como ela nasce no cenário contemporâneo, tendo relação clara com a exposição deste ano.

O evento integrou a programação local da 16ª Semana Nacional de Museus, que teve, no ano de 2018, o tema: “Museus Hiperconectados: novas abordagens, novos públicos”. Conexão importante, uma vez que algumas obras apresentadas pelo AMARP carregam não apenas o significado próprio, mas uma relação histórica entre o momento em que foram criadas e as configurações do mundo atual. ■

DIALOGARTE: UM BATE-PAPO SOBRE HISTÓRIA ANTIGA

Atividade anual e que contempla diferentes áreas do conhecimento, o Dialogarte, desde 2014, é uma atividade cultural dos que frequentam o MusCap. Participam educadores, artistas e especialistas de diferentes áreas que palestram sobre temas ligados ao acervo e as exposições, e desta vez, a mostra “Além da Coleção: Uma visita a subjetividade das obras do AMARP”, que esteve em cartaz entre os dias 29 de junho à 29 de julho, tornou-se a temática que orientou a atividade.



VAGNER AUGUSTO PEDRI

O primeiro encontro foi marcado com a presença da professora Dra. Cristine Fortes Lia, especialista em História Antiga e que no bate-papo abordou questões sobre o tema Estética e Narrativas Míticas da Antiguidade. “Falar sobre os significados e as ressignificações dos mitos ao longo da História é experienciar um ensaio sobre si mesmo. Compartilhar esse saber propicia um momento de conexão entre o conhecimento histórico e as sensibilidades que nos ligam e religam enquanto humanidade. A palestra promovida pelo Muscap, suscitou esse momento de ligação entre as minhas narrativas, o público e os mitos que orientam nossa existência”, comentou a ministrante. Participaram do encontro alunos do curso de História da Universidade de Caxias do Sul e apreciadores do tema.

Homenageado como Amigo do Livro – 2022, na Feira do Livro, o professor universitário e mestre em filosofia, Décio Bombassaro realizou a segunda edição deste ano do Dialogarte. Tendo como referência uma das obras apresentada na exposição de autoria do artista plástico Ênio Squeff, Décio fez uma reflexão sobre “Educação a partir do Mito da Caverna”, conectando ao tema abordado pelo artista na obra exposta. ■



CHRISTIAN DE LIMA

A EXPRESSÃO DA JUVENTUDE PELA ARTE

Por Carlos Carissimi, Carlos Eduardo Born e Rodolfo Pizzolato Grandi – Jornalismo (UCS)

Em maio de 2022, o Projeto Ludicando levou um grupo de participantes do Jovem Aprendiz da Legião Franciscana de Assistência aos Necessitados (Lefan) a quatro oficinas voltadas ao campo das artes. O projeto foi realizado através do Financiamento da Arte e Cultura Caxiense (Financiarte) dois anos após sua previsão de execução inicial, devido à pandemia de Covid-19. Então, com o avanço da vacinação e flexibilização das medidas restritivas, o grupo de adolescentes, que têm entre 15 e 16 anos, finalmente pôde conhecer e experimentar as artes em três ateliês de artistas diferentes. Nestes espaços localizados em Caxias do Sul e Flores da Cunha, os jovens tiveram a oportunidade de desenvolver suas próprias peças artísticas.

Foram quatro dias de exercício artístico, cada data com uma oficina diferente. A primeira oficina foi realizada com os ilustradores Doug e Gio, as duas seguintes, sobre técnicas básicas de desenhos e outra para pinturas, foram ministradas pelo frei Celso Bordignon no próprio Museu dos Capuchinhos. Já a última foi exercida no ateliê da artista Tere Finger e tratou sobre o tema "liberdade de pintar".

Bordignon, diretor do Museu dos Capuchinhos, cita que projetos como esse são muito importantes para trazer as novas gerações aos ateliês de arte, já que em muitas escolas não há um espaço propício para o desenvolvimento artístico. "Pelo que eu sei, nas escolas públicas não existe um espaço, uma sala para se trabalhar a arte. Na mesma sala, no mesmo espaço onde tem aula de matemática, física... tu tens a de arte. Aí não pode sujar porque depois, logo em seguida, vem a outra disciplina que é teórica" diz Bordignon.

Outro ponto importante dessas oficinas é o ensino sobre a expressão pessoal e individual sobre a arte, como o frei destaca acerca de suas oficinas: "Expliquei para eles que, para você se expressar através da pintura e do desenho, você vai ter que trabalhar tua sensibilidade e percepção, desenhar do teu jeito. Não deixei eles usarem borracha. Eu disse: 'tudo que vocês



ACERVO MUSCAP

Desenvolvimento da técnica de pintura.

fizerem, não tem que cancelar, nem apagar, nem achar que está errado. É você, como você consegue se expressar", explica o frei.

Kauã Conceição, de 16 anos, um dos jovens aprendizes da Lefan que participou das oficinas, afirma que adora artes e desenhar, que esse exercício aguça a criatividade e que é importante continuar com projetos como o Ludicando, porque a arte está muito escassa e merece mais atenção da população. "Foram uns passeios muito incríveis e a gente se divertiu bastante. Colocamos em prática técnicas que queríamos ter aprendido e aprendemos coisas que não sabíamos e agora podemos usar. [O convite para participar do Ludicando] pegou a gente de surpresa, mas, quando a gente entrou, a gente já foi direto 'de cabeça' porque, querendo ou não, é arte e pra quem gosta disso, chama muita atenção", conta Kauã.

Após realizadas as oficinas, estava prevista a inclusão das melhores obras de cada jovem em um catálogo impresso, com tiragem em torno de 100 exemplares. O material será divulgado no Museu dos Capuchinhos, no Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho e em outros espaços culturais de Caxias do Sul. ■

E SE HOUVESSE AMOR, POR TERE FINGER

A identidade de cada artista é construída com seu olhar sobre o mundo. Com sensibilidade e com percepção da realidade em seus múltiplos contextos, dão vida à arte e manifestam-se como protagonistas deste universo que habitamos. Características próprias, pinceladas gestuais com a força de chegar ao fim, cores que interagem entre si exibindo aos espectadores o imaginário, e a sofreguidão de uma artista inquieta, criam a personalidade que aqui apresentamos, Tere Finger Fiório.

Seu trabalho já conhecido pela sua força e dramaticidade, chegou com a exposição “E Se Houvesse Amor”, na Sala de Exposições do Museu dos Capuchinhos do RS, assinado com a curadoria do diretor do museu, Celso Bordignon, do coordena-

dor Christian de Lima e da museóloga Raquel Brambilla, que apresentaram ao público mais de 15 obras sobre a temática das cruzes e crucificados.

A abertura aconteceu no dia 11 de agosto e apresentou à comunidade o resultado da relação da artista com a arte. Para Tere Finger, “esta exposição tem toda uma história, porque lido com emoções em relação às cruzes e a imagem de Jesus, de como era a vida a anos atrás e como a vida hoje tem a ver com o nosso comportamento. Me expresso pela possibilidade de realizar o que eu gostaria de mostrar, fazendo as pinceladas sem saber como vão comportar-se, pois sempre surge algo novo, que meu próprio processo e instinto me direcionam para algo diferente, com mais magia e mistério”.

Um dos curadores da mostra, Celso Bordignon,

VAGNER AUGUSTO PEDRI



ao falar sobre a proposta exibida, escreve nos questionando a pensar: “muitas teorias tentam explicar a presença do sofrimento e da dor na vida do ser humano. Uma linha vertical cruzada por uma linha horizontal origina o símbolo gráfico que remete a esta realidade de dor: a cruz e as crucificações. Agonia lenta de estar suspenso, de braços abertos e imóvel entre o céu e a terra. Crucificações e crucificados a todo o momento... Por qual razão?”.

E se houvesse amor... existiriam cruces e crucificações?

Encontro com a artista

Um dos encontros realizados a partir da exposição “E se Houvesse Amor”, foi o Dialogarte, atividade com a artista plástica Tere Finger. O bate papo contou com espectadores que, a partir dos relatos da artista, puderam conhecer sobre seu processo de criação, inspirações e sua visão sobre a arte contemporânea. Tere abordou questões significativas sobre o papel da arte na sociedade, refletindo com o grupo sobre as percepções estabelecidas entre as diferentes linguagens artísticas.

Outra atividade realizada paralela a exposição aconteceu fora do MusCap, com o intuito de tornar a arte acessível, a artista ministrou uma oficina de pintura com os alunos da professora Claudete Piccoli, da Escola Estadual Especial João Prativiera. Durante o



encontro a turma criou diversas pinturas a partir do tema “Cores da Primavera”, originando diferentes obras artísticas expostas para toda a comunidade escolar. ■



VAGNER AUGUSTO PEDRI

Christian de Lima, Celso Bordignon ao lado da artista plástica Tere Finger.



CLAUDETE PICCOLI

Alunos da Escola Estadual Especial João Prativiera com a Artista Tere Finger e o coordenador do MusCap Christian de Lima.

O Museu está aberto de segunda à sexta feira, das 8h às 11h30min e das 13h às 17h. Acompanhe as atividades e exposições através de nossos canais de comunicação. Para agendamentos de grupos e visitas em horários especiais, contatar através do e-mail educativo@muscap.org.br ou pelo telefone (54) 3220.9565.

TURMAS DA UFRGS VISITAM O MUSCAP

Acreditando na importância de ações que agreguem experiências e conhecimentos, o MusCap recebeu para uma atividade alunos das turmas de Expografia e Teoria do Objeto do curso de Museologia da UFRGS, acompanhados pelas professoras Vanessa Aquino e Fernanda Rechenberg. Junto ao grupo estavam estudantes do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, bem como bolsistas do Sépia, grupo de pesquisa coordenado pela professora Vanessa e pela professora Maria Stephanou. Foi realizada uma visita acompanhados pela conservadora e restauradora Chanaísa Melo e pelo coordenador da instituição Christian de Lima. Os alunos puderam conhecer os principais espaços do MusCap e o trabalho de conservação realizado com os acervos

do museu. Após a visita, o arquiteto Fábio Alexandre Cescon ministrou uma palestra sobre os dilemas e os desafios da iluminação nos espaços expositivos. ■

Sobre o Sépia: é um grupo de pesquisa criado em 2020 junto ao CNPq que reúne docentes, discentes de graduação e pós-graduação e pesquisadores das áreas da História, Museologia e Educação. Sob coordenação das professoras Maria Stephanou e Vanessa Aquino, desenvolve ações de ensino, pesquisa, extensão e inovação no âmbito da salvaguarda e da preservação de acervos variados. Para saber mais acesse no Instagram o perfil [sepia.ufrgs](https://www.instagram.com/sepia.ufrgs).



Atelier São Lucas

O Atelier São Lucas é um espaço destinado a conservação e restauro de livros, documentos e obras de arte, além de aulas de desenho e pintura, cursos de conservação, restauro e encadernação.

EMAIL

celso@muscap.org.br

CONTATO

(54) 3220.9585

(54) 99656.2278



COLUNA DO LEITOR

Estimados e estimadas! Desde o seu surgimento, há seis anos, venho acompanhando a *Le Musée*. No início, como leitor. Mais tarde, como colaborador. A mudança de ângulo não mudou minha percepção. Pelo contrário, aumentou minha admiração e estima pela equipe que dinamiza e mantém em vida o projeto MUSCAP e *Le Musée*. Na cultura do instantâneo e do descartável, ocupar-se com coisas do passado que, aparentemente, não têm utilidade, pode parecer desperdício de espaço, de tempo e de recursos. Os que se deixaram embasbacar pelo imediatismo da modernidade utilitarista esqueceram-se que o ser humano é muito mais que um indivíduo. Os humanos somos comunidade no tempo. Vimos de quem nos antecedeu e haverá outros que continuarão a caminhar depois de nós. Somos comunhão e memória. O MusCap e a *Le Musée*, de forma profissional e apaixonada, ajudam-nos a cultivar essas dimensões tão fundamentais. Parabéns!

Frei Vanildo Luiz Zugno (Porto Alegre/RS)

Ainda não tive a oportunidade de conhecer o Museu dos Capuchinhos, em Caxias do Sul. Mas, pela coleção de revistas *Le Musée*, é quase como se o conhecesse. Percebe-se nela um trabalho sério, profundo, meticuloso, resultado de uma pesquisa com bases sólidas, valorizando a História do passado e o mundo atual, proporcionando um enriquecimento cultural a quem acompanha suas atividades. Revista com excelente apresentação, os seus enfoques são muito pertinentes e variados! Parabéns à direção da Revista e aos seus Colaboradores!

Dóris Gressler (Cachoeira do Sul/RS)

Gostaria de parabenizar frei Celso e toda sua equipe de profissionais pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo na *Le Musée*. A diversidade de assuntos apresentada pela revista contempla os mais diversos interesses do leitor, o que torna sua leitura extremamente agradável. E, ao mesmo tempo, mantém a tão necessária e premente divulgação do nosso patrimônio cultural religioso. Espero, sinceramente, que outras instituições afins se espelhem nesse belo trabalho de preservação enquanto ainda é tempo de se fazer algo por nossa cultura religiosa tão desprotegida. Vida longa à *Le Musée*!

Magaly Oberlaender (Petrópolis/RJ)

Há poucos anos era muito difícil encontrar bibliografia em português referente a organização de museus ou sobre ações educativas e de pesquisa desenvolvidas nestas instituições. Felizmente os museus passaram de locais que "guardavam" coisas velhas para modernas instituições perfeitamente integradas à vida cultural contemporânea. Instituições essenciais que conservam, estudam e possibilitam acesso à memória da sociedade... Publicações como *Le Musée* tiveram e têm um papel importante nesta mudança de olhar... Esta revista é a voz do Museu dos Capuchinhos junto a seu público, especializado ou não... Uma voz diferenciada, que divulga, esclarece, congrega e também clama por pertencimento e dignidade.

Juventino Dal Bó (Caxias do Sul/RS)

Envie seu depoimento para a revista *Le Musée* e participe das próximas edições. Você pode enviar pelo WhatsApp do MusCap (54) 3220.9565 ou pelo e-mail coordenacao@muscap.org.br.



VILA CAPUCHINHOS

Complexo Turístico

Venha viver momentos incríveis na Vila Capuchinhos



Uma experiência que inclui espiritualidade, vinhos e gastronomia.

Sinta-se convidado a experimentar momentos de paz e harmonia em nosso Complexo Turístico em Vila Flores. Na Vila Capuchinhos temos piscinas cobertas provenientes de águas termais, vinícola Cave dos Frades, área de lazer, capela onde os Freis Capuchinhos celebram missas, trilhas em meio a natureza para você fazer caminhadas. Cada detalhe recebe muito carinho e cuidado para que você sinta toda a paz em seu coração quando nos visitar.